

SALÃO DE EXTENSÃO: 20 ANOS DE HISTÓRIAS



20 SALÃO DE
EXTENSÃO
ANOS


UFRGS
PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

20 SALÃO DE
EXTENSÃO
ANOS



SALÃO DE EXTENSÃO:
20 ANOS DE HISTÓRIAS



Os avanços dos nossos 20 anos

Comemorar aniversário é sinônimo de reflexão. Celebrar os 20 anos do Salão de Extensão exige reverenciar os idealizadores que tiveram a feliz iniciativa de buscar um lugar de mostra da extensão universitária. Para todos nós, é permitido rever o passado e perguntar onde estávamos e que caminhos percorremos nestes últimos 20 anos. Foram muitos os desafios e, certamente, para muitos de nós, foram duas décadas de muito aprendizado, de perdas e ganhos. Sentimos saudades, acumulamos conhecimento e fizemos amigos. Por vezes, certamente consideramos batalhas perdidas. Em outras, avançamos, o que é fruto do crescimento das nossas demandas e do amadurecimento da nossa reflexão.

Mas o percurso nos convoca a olhar para o futuro, sem esquecer as trajetórias individuais e coletivas, calcadas no presente das práticas relatadas, das boas lembranças, dos fatos pitorescos e das parcerias que foram construídas. A extensão universitária, a partir da sistematização das experiências - um ensinamento pertinente de Oscar Jara - tem conseguido, não apenas na prática, mas, e

muito especialmente, nas rodas de conversa, dialogar com o ensino e a pesquisa de uma forma mais efetiva.

Cumpra-se, assim, não só um preceito constitucional, mas um urgente e fundamental eixo formativo da Universidade, no qual as trocas de experiências e a integração entre projetos e programas, entre ensino, extensão e pesquisa, se tornam realidade. Nos quais efetivamente o diálogo, o olho no olho, as várias mãos e mentes atuam em conexão com a vida. Nestes 20 anos, o Salão de Extensão tem demonstrado o quanto avançamos e o quanto a extensão universitária produz conhecimento, gera novos projetos de pesquisa e renova o ensino.

Nossa tarefa de hoje é saudar e agradecer os pioneiros. Memória e esperança que entregamos para as gerações futuras, desejando que o Salão de Extensão continue sendo a demonstração da produção e da solidariedade do fazer extensionista por muitos outros vinte anos. Que venha o futuro!

*Sandra de Deus, Pró-Reitora de Extensão
Cláudia Porcellis Aristimunha, Vice-Pró-Reitora de Extensão*

Nessas quase duas primeiras décadas do século XXI, em que a revolução cultural chamada pós-modernidade traz consigo uma profunda revolução técnica e tecnológica, com o avanço da comunicação e a irreversível globalização econômica, outros valores que não aqueles éticos, estéticos, religiosos, filosóficos, que pensávamos imutáveis, se apresentam.

Se, de um lado, há um crescente individualismo, de outro, a diversidade se impõe, exigindo respeito. Vozes silenciadas se fazem ouvir. Saberes esquecidos ou desprezados emergem dessas vozes. O próprio conceito de humanismo precisa ser refundado.

É, então, que a extensão universitária da UFRGS se agranda, através de um belo processo de amadurecimento, tendo como base o humano.

Uma visada na história dos salões de extensão e nos deparamos com o abrigo e o estabelecimento de relações entre a cultura científica e a das humanidades. Museus, espaços de exposição, galeria, arquivo, teatro, cinema,

centro cultural, são a sua prática interna. Externamente, o estabelecimento da relação dialógica com a sociedade se dá pelo respeito às diferenças, seus seres e seus saberes.

É como a extensão se faz agente transformador da Universidade e da sociedade, inarredável em seu compromisso social, em seu compromisso com a democracia plena, com o desenvolvimento econômico, com a criação e acesso à cultura, à arte, com a defesa dos direitos humanos.

Comemorar 20 anos do Salão de Extensão é celebrar a conquista de uma profunda experiência ética em direção ao outro, respeitando sua identidade, sua autonomia e sua dignidade.

Em 20 anos, no mínimo 20 pontes foram estendidas para a construção conjunta de uma Universidade, uma sociedade e um tempo melhores.

Vida longa ao Salão de Extensão!

*Rui Vicente Oppermann, Reitor da UFRGS
Jane Tutikian, Vice-Reitora*

Apresentação

Quando me foi colocado o desafio de escrever a história de 20 anos do Salão de Extensão da UFRGS, logo defendi a ideia de que ela não poderia ser contada de uma maneira tão tradicional, acadêmica. A publicação poderia ser tudo, menos sisuda. Porque a extensão universitária é assim: ela envolve, instiga, estimula a gente a fazer as coisas de um jeito diferente. Com menos formalidade e mais brilho no olho. Como vocês vão ver em seguida, o próprio Salão de Extensão começou exatamente desta maneira.

Esta publicação tem o formato jornalístico de revista, embora tenha cara de livro - você pode preferir chamá-la como quiser. Porque ela é, de fato, um pouco dos dois. Trazemos aqui diversas reportagens a respeito da história do Salão de Extensão. Uma leitura que se propõe a ser leve, mas em uma obra com capa dura, para deixar claro que trata-se de um material durável, para valorizar a trajetória de duas décadas construída pelo evento. Esta mescla foi a melhor maneira que encontramos de contar essa história ouvindo os personagens que a fizeram de uma maneira mais descontraída, com mais calor humano.

Várias histórias curiosas, engraçadas ou pitorescas surgiram naturalmente a partir deste contato. Por isso o nome de Salão de Extensão: 20 anos de histórias. Temos uma história oficial, institucional, que evidentemente precisava ser resgatada, mas também histórias, no plural, para contar, que também merecem destaque. Afinal, são essas histórias que fazem da extensão algo tão mágico e surpreendente. O sorriso no rosto dos protagonistas ouvidos a cada entrevista realizada atesta que tomamos o rumo certo neste sentido.

Este trabalho tão complexo não seria possível sem o imprescindível apoio dos colegas e bolsistas do Núcleo de Divulgação, as tão ricas trocas de ideia e inúmeras outras formas de colaboração dos queridos colegas do DARE, a gentil disponibilidade de cada entrevistado que aceitou conversar conosco e, claro, a cada extensionista que faz parte desta(s) história(s). A todas essas pessoas, fica o eterno agradecimento.

Vicente Fernandes Dutra Fonseca, redator e editor

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Salão de Extensão: 20 anos / Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pró-Reitoria de Extensão ; redação e edição Vicente Fonseca. Porto Alegre : UFRGS, 2019.










88 p. : il., fots.

1.UFRGS - Extensão universitária. 2. Ensino superior - Extensão universitária. I. UFRGS. Pró-Reitoria de Extensão. II. Fonseca, Vicente Fernandes Dutra. III. Título.

CDU 378.068

Catálogo-na-publicação: Biblioteca Central/UFRGS
ISBN 978-85-9489-197-6

SUMÁRIO

	O primeiro Salão de Extensão	9
	História do Salão	21
	Mostra Interativa de Extensão	33
	Tertúlias	43
	Oficinas	49
	Espaço Lúdico.....	55
	Atividades Culturais.....	61
	Temáticas e Conferencistas.....	69
	Salão 20 anos: passado, presente e futuro	77



UM SALÃO COM BRILHO NO OLHO

“**A PROEXT é um lugar mágico, diferente.**”

Foi com esta frase que Luiz Fernando Coelho de Souza, pró-reitor de Extensão entre 1996 e 2001, abriu a conversa que tivemos a respeito do primeiro Salão de Extensão. Na fala de Coelho, e em toda a entrevista, era evidente a alegria e a

empolgação ao falar de seu período à frente da PROEXT e, em especial, da edição inaugural do Salão, realizada entre 21 de junho e 2 de julho de 1999.

“Naquela época existia muito brilho no olho”, lembra Cláudia Boettcher, já diretora do Departamento de Difusão Cultural. Foi dela e de Francisco Marshall, então diretor do Museu da UFRGS, a incumbência de coordenar a realização do primeiro Salão de Extensão, ainda que a idealização do evento tenha partido de Coelho, Professor Emérito da UFRGS desde 2014. “Ele olhou para os seus diretores na PROEXT e disse que ‘você vão coordenar, não eu’. Foi um ato de grande generosidade da parte dele”, considera Cláudia.



Público presente em atividade do 1º Salão de Extensão

A capacidade agregadora de Coelho possibilitou não apenas a realização do primeiro Salão, mas também o início de uma nova mentalidade dentro da Pró-Reitoria. “Não fiz nada por generosidade, mas por reconhecimento”, explica o então pró-reitor. “Na época, colocamos técnicos na direção de setores da PROEXT. Parti do princípio de que quem tinha de estar na linha de frente era o funcionário, que conhece tudo de ponta a ponta, e não um professor que caía ali de paraquedas. Essa foi a chave do nosso sucesso: crescemos porque formamos um grupo de pessoas que incluía a pró-reitoria inteira e trabalhamos juntos”, conta.

A reestruturação proposta por Coelho foi o ponto de partida para a realização do Salão e, por consequência, do crescimento da visibilidade do trabalho extensionista desenvolvido pela UFRGS. Afinal, se a própria PROEXT não estivesse plenamente articulada, como poderia a extensão da Universidade se ver de uma maneira integrada, em uma época na qual a atividade ainda era muito dispersa pelas unidades e vista como a “primapobre” do tripé acadêmico? “A gênese do Salão é a postura visionária, apaixonada e muito mobilizadora dele”, considera Marshall.

Um evento pela visibilidade e valores da extensão

A postura agregadora do então pró-reitor foi, claro, apenas um dentre vários fatores que desembocaram na realização do primeiro Salão de Extensão.

Internamente, o sucesso do Salão de Iniciação Científica (SIC), então já com 11 edições realizadas, era uma evidente fonte de inspiração. A necessidade de dar uma identidade à Extensão (até então vista de maneira pejorativa por boa parte da comunidade acadêmica como simplesmente tudo o que não era ensino ou pesquisa) e a boa articulação política de Coelho também foram fundamentais para a realização do evento.

“O Salão tinha de ocorrer de qualquer maneira, conosco ou com outras pessoas. Nós só abrimos as portas”

Luiz Fernando Coelho de Souza,
Pró-Reitor de Extensão da UFRGS em 1999



Vitória Fagundes

Cláudia Boettcher visitou todas as Comissões de Extensão da UFRGS antes do Salão de 1999

“Logo após assumir a PROEXT, me tornei vice-presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão”, explica o então pró-reitor. “Ali no FORPROEX, pude comparar a Extensão de todas as universidades públicas brasileiras e vi que nós tínhamos muito para dar. Isso deu origem ao Salão e a uma série de coisas que pudemos implementar aqui. Foi um tempo fantástico”, relembra, com carinho.

O trabalho em equipe foi realmente um diferencial. Para chegar ao primeiro Salão, Coelho mobilizou a PROEXT a ver qual era o real tamanho da extensão da UFRGS, então dispersa pelas várias unidades da Universidades. “Eu e o Marshall saímos a visitar todas as Comissões de Extensão da UFRGS, de todas as unidades”, lembra Cláudia Boettcher. O desafio e a motivação da edição inaugural do Salão de Extensão era dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos extensionistas da Universidade. “Havia um interesse de integração latente cujo potencial ainda não havia sido realizado”, relembra Marshall.

Para Coelho, a realização era uma consequência lógica e inevitável do trabalho desempenhado. “Ele tinha de ocorrer de qualquer maneira, conosco ou com outras pessoas. O volume de atividades, programações e coisas acontecendo era tão grande que isso tinha de sair em algum lugar e aparecer de alguma forma. Nós só abrimos as portas”, afirma o ex-pró-reitor, com uma ponta de sua inconfundível modéstia. “Havia muito o que mostrar, muito conteúdo relevante. A visão de que a extensão se conecta com ensino e pesquisa ficou muito clara”, concorda Marshall.

QUEM BATIZOU O SALÃO DE EXTENSÃO?

Partiu de Edni Oscar Schroeder, então diretor do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS), a ideia de chamar o principal evento extensionista da Universidade de Salão de Extensão. A inspiração veio do Salão de Iniciação Científica, que já caminhava para sua 11ª edição, em um encontro pré-evento, no começo de 1999. “Estávamos em uma reunião de diretores e o Edni disse que se havia o salão de Pesquisa nós tínhamos que fazer o da Extensão”, lembra Cláudia Boettcher, diretora do Departamento de Difusão Cultural.

A troca de ideias entre os diretores para a constituição da primeira edição do evento, de fato, foi um dos principais pontos salientados pelo então pró-reitor, Luiz Fernando Coelho de Souza: “toda a PROEXT, em conjunto, passou a discutir uma fórmula de como tornar a Extensão mais visível. Não foi fácil, pois só havia salão de Pesquisa na Universidade, mas a gente precisava provar que a Extensão também gerava conhecimento”, explica Coelho.

Este, por sinal, era um dos principais motivos que levaram Coelho à ideia de organizar o Salão: o resgate e a afirmação de que o papel da extensão era alimentar a vida acadêmica e a sociedade, ao contrário da ideia corrente de que ela seria somente oferta ou serviço. “O Professor Coelho soube perceber que extensão não era só promover eventos ou otimizar as atividades sociais. Era, também, fomentar um aspecto fundamental da



Vitória Fagundes

Marshall aproveitou experiência como diretor do Museu para criar estética atraente para o Salão

vida acadêmica, que é se abrir para as interações externas e internas, o diálogo, a transversalidade”, explica Marshall.

“Tem que dar tudo certo”

Engana-se, porém, que o Salão de Extensão nasceu pequeno. A primeira edição do evento foi grandiosa em vários sentidos. Além de ter duração de duas semanas, de cara já envolveu todas as unidades da UFRGS. Além disso, contou com

“Nunca trabalhei tanto. Eram 60, 70 horas por semana”

Francisco Marshall,
Coordenador do 1º Salão de Extensão

atividades de repercussão junto à comunidade interna e externa e teve um patrocínio que possibilitou um alto padrão de qualidade.

Marshall atuou junto a Coelho na captação deste recurso para alavancar o evento. Na época, um banco negociava para instalar uma agência dentro da UFRGS. “A administração central se dedicou, se comprometeu, entendeu que a bola da vez era a Extensão”, completa. O patrocínio se estendeu também à segunda edição do evento, realizada em 2000.

O apoio foi fundamental, afinal, realizar um evento do porte do primeiro Salão não era nada simples: se por um lado era preciso dar a visibilidade que a extensão tanto almejava, por outro a PROEXT se obrigava a manter nível semelhante ao do SIC, que àquela época já ostentava mais de uma década de história. “O desafio de organizar aquela edição inaugural crescia na medida em que diante de nós estava um salão organizado com extraordinário profissionalismo pela equipe da PROPESQ, liderada pela Marininha Aranha Rocha”, lembra Marshall, citando o sucesso do salão de Pesquisa da UFRGS. “A gente tinha aquele peso muito forte de que o Salão precisava dar certo”, reconhece Cláudia.

Para que tudo saísse conforme o planejado, dedicação era a palavra de ordem. “Nunca trabalhei tanto”, lembra Marshall. “Eram 60, 70 horas por semana. Com evento, não existe o ‘depois’. Tem que sentar, encarar, resolver e partir para o próximo”. Esta preocupação para que tudo funcionasse não dizia respeito apenas à realização do Salão em si, mas também do seu conceito enquanto evento: “o Marshall tinha cuidado para que o evento não

parecesse uma colcha de retalhos. Com a bagagem de quem dirigia o Museu, tinha a experiência museográfica e o olhar necessários para que o Salão se tornasse convidativo, para que as pessoas tivessem vontade de vir e conhecer os projetos”, considera a diretora do DDC.

A ideia de criação de um salão apenas para a extensão já era, de início, motivo de algum estranhamento. A própria reitora à época, Wrana Panizzi, precisou ser convencida: “ela quando soube disse que era uma bobagem, não fazia sentido, mas depois deu toda a força e fez tudo o que podia fazer para que o evento tivesse sucesso”, revela Coelho.

O apoio por parte da Reitoria foi fundamental também em termos políticos. Diante de um cenário de carência de reconhecimento e pouca visibilidade, a possibilidade de um evento realizado pela administração central ajudou a trazer um enorme poder motivacional represado há anos por parte dos extensionistas. “São como águas de um riachinho que vão correndo: as pessoas só falam do grande rio, do grande lago, mas o riachinho que os alimenta ninguém enxerga. Nosso papel foi ir até essas nascentes”, filosofa Marshall.

Visibilidade para a comunidade externa

Uma marca importante das primeiras edições do Salão de Extensão foi a integração com a comunidade. Tendo como base a concepção de que a atuação extensionista é quem faz a ponte entre a universidade e a sociedade, várias atividades eram realizadas em locais fora dos campi da UFRGS. O

Parque da Redenção, próximo ao Campus Centro, era o ponto mais frequente de atrações. As transmissões da Rádio da Universidade, à época ligada à PROEXT, ajudaram a dar alcance ainda maior ao evento.

Uma das atividades externas do Salão de 1999 ocorreu na Praça Itália, ao lado do Shopping Praia de Belas: o Encontro de Coros da UFRGS, ocorrido no dia 26 de junho, um sábado. Ainda fora do Campus Centro, as visitas guiadas ao Planetário (Campus Saúde) e ao CECLIMAR (Imbé) reuniram mais de 200 interessados, segundo o relatório do evento. Somados aos 1,5 mil visitantes da Mostra (localizada no Salão de Festas da Reitoria), aos 2,7 mil participantes nas atividades culturais e aos

cerca de 900 entre cursos, fóruns, cinema e oficinas, o público oficial do evento bateu na casa de 6 mil pessoas, fora outras 6 mil atingidas pelas transmissões da Rádio da Universidade (ver quadro na página 14).

A principal atração cultural daquela edição, contudo, foi um tanto inusitada: o percussionista romeno Mircea Ardeleanu. O desafio de ocupar o Salão de Atos com aquele espetáculo parecia grande. “Ele era um completo desconhecido”, lembra Cláudia Boettcher, “mas precisávamos dar um jeito de trazer público. Divulgamos muito aquele espetáculo e conseguimos praticamente lotar o Salão de Atos para assistir um percussionista romeno de música concreta”.



Cadinho Andrade

Encontro de Coros da UFRGS movimentou o Salão fora dos campi



Reni Jardim

Salão de 1999 foi o primeiro evento a utilizar as oito áreas temáticas da Extensão no Brasil

O pioneirismo do Salão de Extensão

A extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul é, até hoje, referência em termos nacionais. O que nem todos sabem é que boa parte desta percepção se deve ao Salão de Extensão. A edição de 1999 foi pioneira não apenas por ser a primeira realizada na UFRGS, mas por ser a primeira do tipo no Brasil. Até então, não havia em outras universidades do país um evento que desse visibilidade à extensão nos moldes do que fez o Salão de duas décadas atrás.

“Não existiam salões em outras universidades”, lembra Coelho. “Depois desse, aconteceram outros salões de Extensão em outras universidades do Brasil. Viramos referência em função da nossa

atividade e do nome da PROEXT nesse universo”, diz, com orgulho, o pró-reitor daquela época.

A experiência de Coelho no FORPROEX, de fato, foi decisiva para que o evento ocorresse. “Quando ele fez o primeiro Salão, trouxe essa discussão nacional para o fazer da Universidade”, explica Fernando Meirelles, que seria seu vice-pró-reitor e sucessor na pró-reitoria a partir de 2001. Meirelles também lembra outro motivo pelo qual o Salão de 1999 merece a alcunha de pioneiro, o qual também é diretamente ligado à atuação de Coelho no Fórum: “naquele ano, foi lançado o Plano Nacional de Extensão. Foi a primeira vez em que se ouviu falar das oito áreas temáticas da Extensão universitária. Aquele Salão

RESUMOS DE TRABALHOS EM DISQUETES

Nas pesquisas realizadas para a construção da presente publicação, foram analisados diversos documentos históricos nos arquivos da PROEXT. Um deles foi o fôlder de divulgação da edição inaugural do Salão de Extensão. Produzido em março de 1999, o material trazia resumidamente os objetivos do evento, seu período de realização, prazos para inscrição de trabalhos, entre outras informações importantes para aqueles que desejassem participar do Salão.

O mais curioso, porém, diz respeito às normas para inscrição dos trabalhos. Embora a estrutura administrativa da Universidade já contasse com acesso à internet, os resumos deveriam ser entregues



foi o primeiro evento a ser montado a partir da separação dos projetos tendo como base as áreas temáticas”.

O formato do evento foi tão consistente que, embora tenha sofrido algumas mudanças no percurso dos anos, segue semelhante até hoje. “A ideia inicial era apresentar no Salão tudo o que era feito na Extensão universitária. Era o momento de vitrine. Todos se organizavam para lançarem livros no Salão. No DDC, realizávamos os maiores shows culturais do ano no Salão”, conta Cláudia Boettcher. “O que vejo de mais impactante naquela primeira edição era justamente a visibilidade, a ideia de pertencimento. As pessoas

estavam felizes de estarem aqui e participarem do evento”, completa.

Como organizadores da edição inicial, tanto Cláudia quanto Francisco Marshall demonstram satisfação ao ver que o evento até hoje segue vivo. “É muito bom para a UFRGS o legado de ganhar um evento institucional promissor”, considera Marshall, que vê na extensão uma arma poderosa contra os ataques recentes que as universidades públicas vêm sofrendo: “estamos acuados, estamos sendo atacados, e não dá para a gente fingir que esse ataque não existe. A Extensão é uma resposta a isso, e um Salão de Extensão precisa estar ciente do seu potencial político”, completa.

As dificuldades do presente, no entanto, não são suficientes para tirar a empolgação de Coelho ao lembrar do primeiro Salão e de seu tempo à frente da PROEXT. “A Extensão é diferente de todo o resto. E é por isso que ela consegue acolher todas as áreas do conhecimento. Em tudo o que a Universidade trabalha a Extensão está presente”, explica o ex-pró-reitor, que não esconde o afeto por aquele período: “foi um tempo fantástico. Lembro com muito carinho e amor disso aqui. A PROEXT me abriu o coração, a mente, tudo, para a Universidade toda”.

Uma fala com brilho no olho. O mesmo brilho de 20 anos atrás.



Cartaz de divulgação do Museu da Dúvida, exposição marcante coordenada por Francisco Marshall em 1997

ANOS ANTES, DOIS ENSAIOS PARA O PRIMEIRO SALÃO

A ideia defendida por Luiz Fernando Coelho de Souza de que a Extensão da UFRGS tinha muito a mostrar era, de fato, verdadeira. Tanto que, anos antes, ocorreram dois eventos que podem ser considerados uma espécie de ensaio para a edição inaugural do Salão.

Em 1995, a PROEXT organizou a Mostra de Extensão, um evento que trouxe visibilidade aos projetos de extensão da Universidade por meio de palestras, debates e comunicações, além da mostra propriamente dita. “A Mostra foi uma consequência do programa previsto para a gestão da UFRGS entre 1993 e 1996 (N.R.: o reitor do período foi Héglio Trindade), em que a PROEXT se colocou como

elemento articulador entre o Ensino e a Pesquisa produzidos na Universidade e passou a estruturar suas atividades a partir da realidade das questões sociais e culturais”, explica a pró-reitora de Extensão na época, Ana Maria de Mattos Guimarães.

Ana Maria ressalta também a importância que sua gestão, a partir da realização da Mostra, teve naquele momento: “construímos uma relação de parceria com extensionistas das mais diversas áreas da Universidade, o que permitiu multiplicar as ações”. A Mostra de 1995 ocorreu entre os dias 18 e 25 de abril daquele ano, no Museu (então localizado no segundo andar do prédio da Reitoria) e no Salão de Atos. Entre as presenças ilustres do

evento estavam o Ministro da Cultura, Francisco Weffort, e o presidente nacional do FORPROEX, Ricardo Vialves de Castro.

Outro evento que inspirou o primeiro Salão de Extensão em termos de concepção foi a exposição Museu da Dúvida, idealizada e organizada por Francisco Marshall, diretor do Museu, entre junho e agosto de 1997. “O Salão tinha a herança museográfica do Museu da Dúvida, que criou uma nova linguagem de expressão acadêmica e provocou grande entusiasmo para o avanço nesse campo da comunicação da academia”, lembra Marshall.

“Foi uma exposição que colocou várias áreas do conhecimento acadêmico em conversa”, lembra Cláudia Aristimunha, atual diretora do Museu, que já atuava no órgão à época. “A ideia era popularizar o conhecimento acadêmico. Dar a pessoas que não estavam na Universidade a oportunidade e a experiência de estar no meio da academia, dialogar com esse conhecimento, que às vezes parece algo tão fechado e difícil”, complementa.

O Museu da Dúvida compreendia ações museológicas voltadas ao público externo, com uma exposição interdisciplinar localizada no segundo andar da Reitoria. Um dos públicos mais frequentes foram escolas de Ensino Fundamental e Médio, já que o espaço proporcionava visitas monitoradas e interatividade lúdica - conceitos inovadores para museus e exposições no final da década de 1990. Ciclos de conferências e debates e atividades culturais, ambos voltados para o tema da dúvida, completavam a programação, que repercutiu bastante e de maneira positiva na imprensa gaúcha.

O PRIMEIRO SALÃO DE EXTENSÃO EM NÚMEROS*



* Fonte: Relatório oficial do 1º Salão de Extensão

** A cobertura especial da Rádio incluiu duas edições diárias do programa UFRGS Entrevista, transmissões ao vivo de conferências, seminários, fóruns e comunicações, além de cinco boletins diários durante a programação



Visão inovadora de Coelho deu origem ao 1º Salão de Extensão

UM EXTENSIONISTA VISIONÁRIO, AGREGADOR E APAIXONADO

Dezoito anos não foram suficientes para apagar ou sequer diminuir o carinho de Luiz Fernando Coelho de Souza pela PROEXT. Oriundo da Faculdade de Agronomia e pró-reitor de Extensão entre 1996 e 2001, o Professor Coelho, como é carinhosamente chamado por aqueles que com ele trabalharam, mantém uma relação de afeto contagiante em relação àquele período, evidente até para quem não vivenciou sua gestão.

“Eu respiro cada minuto daquele momento. Foi uma coisa mágica, fantástica”, conta ele, com empolgação.

“A PROEXT foi importantíssima para mim, para a minha vida. Foi algo que vou guardar para sempre comigo. A Universidade, para mim, começa na PROEXT. Depois é que vem o resto”, considera o idealizador do Salão de Extensão que, hoje com 80 anos, mantém a disposição e o carisma típicos de um jovem.

Catarinense de Caçador, Coelho é piloto de avião desde 1958 (chegou a ser presidente do Aeroclube do Rio Grande do Sul) e formou-se como engenheiro agrônomo pela UFRGS em 1966, aos 27 anos. Dois

anos depois, iniciou sua trajetória como professor da Faculdade de Agronomia, onde desde cedo já se envolveu com a Extensão. Em julho de 2014, recebeu da UFRGS o título de Professor Emérito em sessão solene no Conselho Universitário. “Sua liderança, pioneirismo e inspiração são determinantes para conquista de tamanho destaque”, discursou o então reitor, Carlos Alexandre Netto, na sessão que homenageou Coelho.

De fato, sua gestão à frente da PROEXT deixou marcas que vão muito além do Salão. “Era uma



Coelho recebeu o título de Professor Emérito da UFRGS em 2014

relação muito intensa, de afeto e comprometimento. O Professor Coelho fez isso com cada um de nós. Ele conseguiu inserir na PROEXT o sentimento de orgulho de fazer parte da Extensão. Ele era uma referência, nos mobilizava”, lembra Cláudia Boettcher.

“Ele não permitia o florescimento de divergências. O que aprendi com ele não tem preço”, concorda Francisco Marshall. “Ele tinha sempre um olhar acolhedor, positivo. Dizia que nada se começa com um ‘não’, mas com um ‘sim, vamos ver, pode ser’. Isso na vida de quem promove a cultura é o mais

importante. As pessoas têm entusiasmo, sonhos, mas podem não ter formulado esse sonho da maneira ideal, correta. Primeiro, devemos acolher, para depois vermos a viabilidade”, completa o então diretor do Museu.

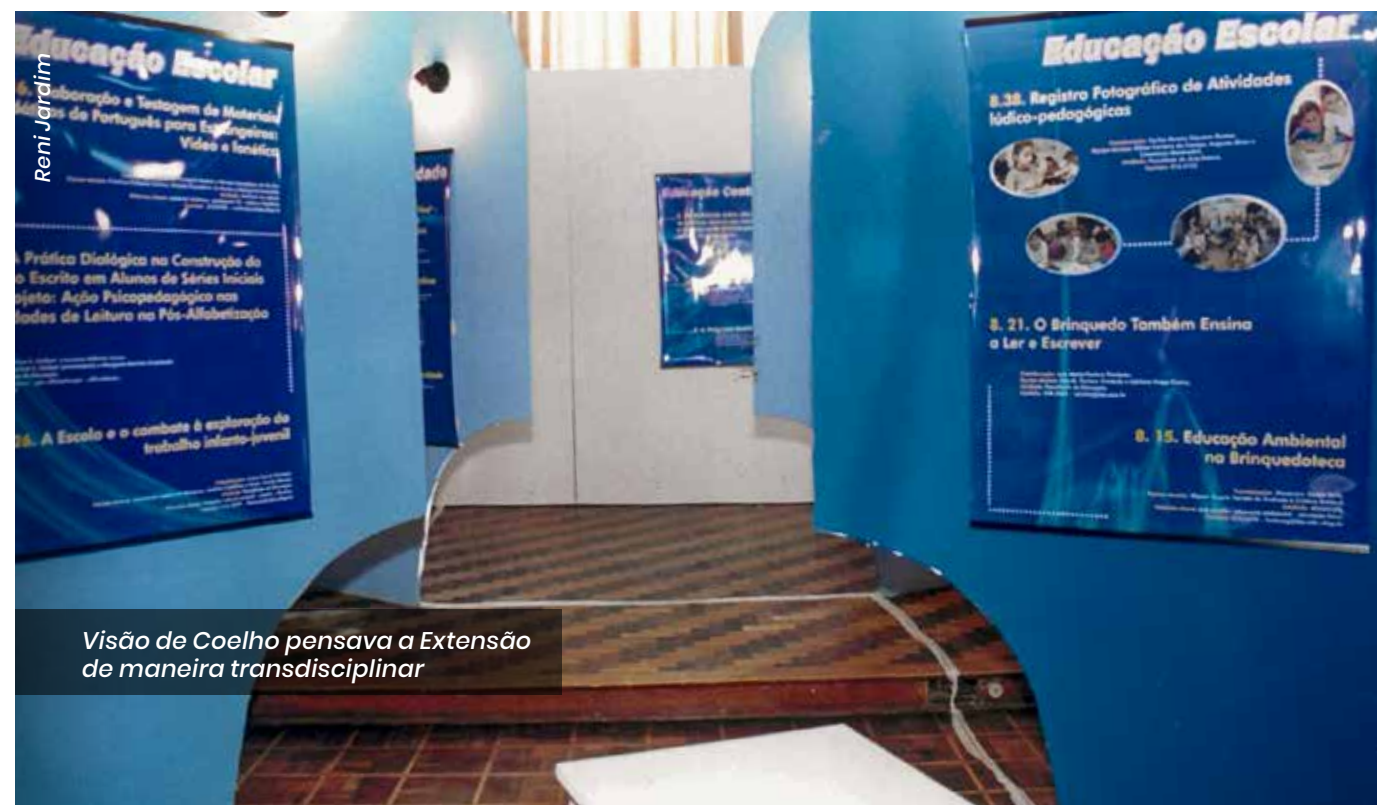
“Ele conseguiu inserir na PROEXT o sentimento de orgulho de fazer parte da Extensão”

Cláudia Boettcher,
Coordenadora do 1º Salão de Extensão

Para Marshall, porém, a maior contribuição de Coelho é sua visão metodológica a respeito do trabalho desenvolvido pela Extensão: “ele foi o pró-reitor que quebrou o paradigma da extensão-oferta, começando a pensar numa Extensão efetivamente

transdisciplinar. Isso era uma grande vanguarda metodológica”, destaca.

Apesar de sua inegável importância na constituição do primeiro Salão de Extensão e de sua marcante gestão frente à PROEXT, Coelho mantém a simplicidade e a humildade. “Não é o Professor Coelho que fez o Salão. Todos nós fizemos. É como se tu abrisse uma porta e as pessoas dessem vazão a toda aquela criatividade e engajamento”, afirma o ex-pró-reitor, apontando para Cláudia Boettcher, em gesto de reconhecimento à importância do trabalho da diretora do Departamento de Difusão Cultural no Salão de 1999. “A PROEXT é um bloco de pessoas bem intencionadas que estão aí para fazer a Universidade crescer”.



Reni Jardim

Visão de Coelho pensava a Extensão de maneira transdisciplinar



A VELA, SÍMBOLO DO SALÃO

A arte das primeiras edições do Salão de Extensão é especialmente marcante. Criada por Mario Bitt-Monteiro, do Núcleo de Fotografia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, trazia uma vela como destaque.

A escolha, de início, parecia em princípio inusitada. “Quando a olhei pela primeira vez, perguntei ao Mario o que uma vela tinha a ver com a extensão”, revela o Professor Coelho.

O criador explica que foi a partir da grande diversidade das atividades de Extensão que surgiu a ideia da vela. “Esse logotipo mostra uma vela inflada pelas ações de Extensão provenientes das diversas áreas do conhecimento humano que são desenvolvidas pela UFRGS”, considera Bitt-Monteiro.

O conceito vai além, e é tão surpreendente quanto fascinante: para Bitt-Monteiro, a vela representava

algo que utilizava uma força natural (o vento), mas também a criatividade do homem, a dinâmica e o caráter integrador da Extensão. Além disso, representava que o uso do conhecimento aplicado resulta em melhor aproveitamento de recursos para benefício coletivo. “Ela é a força motriz de um barco imaginário do saber, que em suas movimentações vai se colocando ao alcance dos vários segmentos da comunidade acadêmica e em geral”, explica o criador.

“Quando ele começou a me explicar o significado da vela, tudo passou a se encaixar perfeitamente”, conta Coelho. “O homem faz a vela e com ela navega, desbrava, envolve mais gente. A vela é a soma de criatividade humana, natureza e leveza. Era isso o que a vela e a extensão representavam para o Mario. Foi fantástico”, considera o pró-reitor de Extensão da época.

A ideia de procurar Bitt-Monteiro para criar a arte e todo o material visual do primeiro Salão partiu de Cláudia Boettcher. Segundo ela, o trabalho foi feito com amor: “ele foi cuidadoso ao extremo. Cada peça que criava levava horas e horas. Tudo tinha um porquê, tudo tinha de dialogar. Foi bárbaro o envolvimento dele”, lembra a diretora do DDC.

A vela foi o principal destaque da arte do Salão de Extensão nas quatro primeiras edições - em 2002 e 2003, de maneira mais discreta e estilizada, em composição com outros elementos gráficos. A partir de 2004, na 5ª edição, ela dá lugar a novos formatos de logotipo, os quais passaram a ser variados.



Atividades no Brique da Redenção marcaram o início de várias edições do Salão

POR ONDE ANDOU O SALÃO NESTES 20 ANOS

A realização do Salão de Extensão no Campus do Vale é relativamente recente na história do evento. Foi apenas em 2014, em sua 15ª edição, a quarta realizada em conjunto com os demais salões. Antes disso, o principal evento extensionista da Universidade já circulou por todos os campi e locais até mesmo fora da UFRGS.

O Parque da Redenção, pode-se dizer sem exagero, foi quase um campus anexo da UFRGS nas

primeiras edições do encontro. “Quando começamos a pensar no Salão, a primeira coisa era que a comunidade se relacionasse com a Universidade. Por isso, muitas atividades eram lá”, explica Cláudia Boettcher, uma das coordenadoras da edição inaugural, em 1999. Naquele mesmo ano, visitas guiadas ao CECLIMAR, em Imbé (quando ainda nem existia a sede do Campus Litoral Norte) e ao Planetário, no Campus Saúde, fizeram parte da programação. Até mesmo a Praça Itália, ao lado do Shopping Praia de Belas, recebeu o Encontro

de Coros da UFRGS durante o evento - o campus mais próximo a esta praça, o Saúde, fica a mais de três quilômetros de distância.

O segundo Salão, em 2000, foi um dos que teve mais atividades pela Redenção. O evento começou no famoso Brique num domingo (25 de junho), justamente o dia de maior movimento neste que é um dos mais tradicionais pontos de encontro dos porto-alegrenses. Na ocasião, as atividades incluíram o Programa Observatório Educativo Itinerante, a Caminhada da Extensão e uma apresentação do Coral da UFRGS, além de atrações gratuitas voltadas à comunidade.

O sucesso da iniciativa levou a organização a repetir a dose na edição seguinte, em 2002. Também num domingo (17 de março), atividades de unidades como o Instituto de Física, a Faculdade de Medicina, a Faculdade de Odontologia e a Escola de Educação Física fizeram sucesso junto à comunidade. Em 2003, a Redenção fez parte mais uma vez do roteiro, abrindo o Salão num domingo (13 de julho) com nada menos que 28 atividades de diversas unidades da Universidade.

“Existia uma necessidade de se mostrar o que a Universidade fazia”, analisa Fernando Meirelles, pró-reitor de Extensão entre 2001 e 2004. “O objetivo era trazer a comunidade para dentro da UFRGS e deixar o pessoal trabalhar o lúdico. A Universidade realmente se abria”, recorda.

Segunda fase: um Salão mais “voltado para dentro”

Foi a partir da quinta edição, em 2004, no fim da gestão do próprio Meirelles, que o evento passou a se tornar mais reflexivo e intramuros. O período foi marcado por menos atividades fora da Universidade, mas ao mesmo tempo viu o Salão passar a ser realizado em locais mais variados dentro dela.

Um ano mais tarde, o então pró-reitor Antônio Carlos Stringhini Guimarães decidiu romper paradigmas. Oriundo da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, levou o Salão até o Campus Olímpico. Aquela edição trouxe também, pela primeira vez, premiações para o evento: “antes das tertúlias, só em 2005, com as Comunicações Coordenadas, houve avaliação dos trabalhos por uma banca de três extensionistas, muito aos moldes da Pesquisa”, recorda Carla Bastos dos Santos, Técnica em Assuntos Educacionais da Assessoria Técnica do DARE.

A ida para a ESEFID foi histórica também por representar a primeira vez em que o evento deixou de acontecer no Centro. O ex-presidente da Câmara de Extensão e professor extensionista da unidade, Luiz Fernando Krueel, foi um dos principais incentivadores da ideia. “Foi uma experiência extremamente importante. Recebemos muito bem o Salão”, lembra o docente. “A ESEFID tem uma limitação de salas, pelo seu tamanho. Mas acho que a grande vantagem daquele salão foi a de ter todo mundo circulando numa área restrita. Tu saías da tua sessão e encontrava os colegas das outras no pátio. O Vale, por exemplo, é muito grande. Fica muito longe uma coisa da outra”, considera Krueel.



Salão de 2005, na ESEFID, foi o primeiro realizado fora do Campus Centro

Em 2006, já na gestão de Sara Viola Rodrigues (Guimarães faleceu em outubro de 2005), o modelo de Comunicações Coordenadas seria deixado de lado, e o Salão voltaria para o Campus Centro. Naquele ano, o segundo dia de atividades (25 de setembro) reuniu visitas orientadas aos chamadas Jardins Temáticos - um em cada campus - na exposição Homem Natureza. A base, porém, seguia sendo o Centro, o que se repetiria por mais sete anos.

O salão integrado e os últimos anos da Era Centro

Com o início da gestão da atual pró-reitora Sandra de Deus (2008), o Salão de Extensão passou a ser

efetivamente descentralizado em sua organização, com todos os setores da PROEXT se envolvendo nas modalidades. O evento manteve o Centro como base, mas passou a ocupar espaços de outros campi também.

Para comemorar seus dez anos de história, em 2009, o Salão foi aberto com um Cortejo Comemorativo que circulou pelo campus - a ação foi tão bem sucedida que se repetiu na edição seguinte. “A ideia era motivar as pessoas para que vissem e entendessem que o Salão iria começar”, explica Sandra. O cortejo era organizado pelo Departamento de Difusão Cultural, e se caracterizou como a primeira atividade cultural do encontro naqueles dois anos. “As pessoas se somavam, ia juntando gente. Tínhamos, na chegada ao Salão de Atos para a cerimônia de abertura, muitas pessoas que resolveram acompanhar o cortejo”, lembra a pró-reitora.

A partir de 2011, a administração central decidiu unificar todos os salões da Universidade num só evento, que ocorreria no mesmo período: o Salão UFRGS. Foi o fim do cortejo, mas o início de uma fase importante para o crescimento de todos os salões da Universidade. “É importante que tenhamos esse momento de integração entre Ensino, Pesquisa e Extensão”, aponta Sandra de Deus, defensora do salão conjunto. A pró-reitora considera que a circulação de pessoas entre os diferentes encontros é uma oportunidade rica de troca de conhecimento.

“Eu poderia, como pró-reitora de Extensão, dizer que quero um Salão de Extensão isolado, afinal, é



Em 2014, o Salão de Extensão se muda em definitivo para o Campus do Vale

um momento de visibilidade e brilho para nós. Mas não: penso que o nosso momento é exatamente esse, de fazer a integração, de estarmos todos juntos. Essa possibilidade de compartilharmos internamente na Universidade é muito importante”, afirma. “A integração fez com que todos os salões melhorassem”, concorda Luiz Fernando Krueel.

Colega de Krueel na ESEFID, Adriane Vieira também aprova o salão integrado. A docente considera lembra que, antes disso, o Salão de Extensão ocorria após o SIC, o que dificultava a presença dos alunos e professores no evento, já que havia aula no período. Adriane considera também que “a premiação para a Extensão trouxe maior visibilidade aos projetos e reconhecimento aos alunos participantes”.

“A integração fez com que todos os salões melhorassem”

Luiz Fernando Krueel,
ex-presidente da Câmara de Extensão,
sobre o salão integrado

A questão logística de realizar todos os salões de maneira integrada é vista como mais uma vantagem na visão de Sandra de Deus: “se otimiza recursos, humanos, financeiros, de estrutura”. Ela lembra ainda que, quando os eventos ocorriam de maneira separada, os docentes que participavam de mais de um salão eram obrigados a parar mais vezes durante o semestre para que pudessem apresentar seus trabalhos, o que prejudicava o andamento de suas atividades de Ensino.

Assim, o Salão de Extensão passou a acontecer em paralelo ao SIC, ao Salão de Ensino e aos demais grandes eventos acadêmicos da Universidade. Em 2011, a base seguia sendo o Campus Centro, embora o Planetário ainda recebesse atividades específicas. No ano seguinte, algumas Oficinas e Tertúlias (estas últimas a grande inovação daquela edição) passaram a ocorrer no Campus do Vale, embora a abertura, encerramento, atividades culturais e demais categorias tivessem o Centro como base. Em 2013, unidades do Campus Saúde, como o Instituto de Psicologia, receberam oficinas - e todas as Tertúlias daquele ano ocorreram no Vale. Era o ensaio final antes de o Salão se mudar em definitivo para lá.

O Salão chega ao Vale

Isso ocorreria em 2014, quando todo o Salão UFRGS se mudou para o campus do bairro Agronomia, na divisa de Porto Alegre com o município vizinho de Viamão. Apenas a cerimônia de encerramento permaneceu no Salão de Atos, no Centro - todas as demais categorias, como Tertúlias, Oficinas, Minicursos e os debates especiais foram realizados na sede administrativa do Instituto de Letras e no prédio de salas de aula da unidade, localizado em frente ao Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos.

Trazer o evento para o campus mais afastado da UFRGS dentre os de Porto Alegre trouxe vantagens e desvantagens. “A Universidade tem o Campus Centro e o Vale muito afastados. Essa falta de integração faz com que muita coisa feita num campus não ecoe no outro. A distância grande limita muitas coisas. Achei muito boa a ideia de um salão

conjunto”, opina Fernando Meirelles, pró-reitor de Extensão entre 2001 e 2004. A distância entre o Centro e o Vale é de 12 km (cerca de 25 minutos de carro ou mais de 45 minutos de ônibus, em horários com trânsito fluido).

Favorável ao salão integrado, Sandra de Deus também é uma das principais defensoras de realizar o evento no Campus do Vale. “É o melhor espaço que a Universidade tem, a maioria dos cursos está lá”, argumenta a pró-reitora, que rebate a ideia corrente de que o campus é longe demais: “se tu fizeres no Centro, também é longe para quem vem do Vale. Essa questão depende do olhar que eu tenho. A Universidade é uma só, e o seu melhor espaço para realização de qualquer atividade é o Vale”.

As dificuldades, por outro lado, também existem. A redução de circulação dos estudantes devido ao fato de o Salão ser no Vale e durante a semana acadêmica é um dos problemas apontados por muitos. “No nosso caso, noto uma dificuldade maior de fluência dos estudantes da ESEFID de irem até o Vale. No Centro, esse tipo de reclamação não acontecia”, relata Luiz Fernando Krueel, sem deixar de reconhecer algumas vantagens que o campus do bairro Agronomia oferece: “o Vale não tem os problemas de estacionamento do Centro e tem mais espaço aberto que a ESEFID”.

Ainda assim, Krueel entende que o Centro segue sendo o melhor lugar para receber o Salão de Extensão. “O campus central é um privilégio que nós temos, apesar desses problemas. Mas com a estrutura que temos hoje, como o novo Centro

Cultural, não sei se não era uma alternativa repensar e experimentar a volta da realização do Salão no Centro. O Vale afasta muito as pessoas”, sugere o docente.

Para Tânia Fortuna, professora da Faculdade de Educação que, assim como Krueel, foi presidente da CAMEX e é participante do Salão desde sua edição inaugural, o ideal seria um modelo misto: “em que pese as dificuldades de acesso para muitos interessados, o Campus do Vale também oferece mais espaço para as atividades propostas, o que é favorável para a logística do evento. Deploro, porém, que todas as atividades aconteçam somente lá.

Creio que algumas poderiam ser distribuídas em diferentes campi, sem enfraquecer aquelas realizadas no Salão UFRGS, contribuindo para sua descentralização e maior adesão da comunidade mais ampla da Universidade”, argumenta.

Se as próximas edições serão no Centro, no Vale, na ESEFID ou em outro lugar, o futuro dirá. O fato é que, em seus primeiros 20 anos, o Salão de Extensão já andou por quase todos os espaços da Universidade - e por muitos fora dela também, o que sempre levantou questionamentos bastante razoáveis e discussões muito ricas. Exatamente como manda o bom espírito extensionista.

LOCAIS DE REALIZAÇÃO DO SALÃO



Legenda

- Campus Centro
- Campus Olímpico
- Campus Saúde
- Campus do Vale



Terceiro Salão acabou adiado por um semestre em função de greve dos docentes da UFRGS

AFINAL, O 3º SALÃO FOI EM 2001 OU 2002?

Se a primeira edição do Salão de Extensão ocorreu em 1999, por que o ano de 2019 marca a 20ª edição do evento, e não a 21ª? A questão vai bem além da matemática, e remete à terceira edição do evento.

O ano de 2001 ficou marcado por uma das maiores greves de professores da história das instituições

públicas de ensino superior brasileiras em todos os tempos. Com adesão quase total da categoria, a UFRGS ficou praticamente quatro meses sem aulas no período, entre o fim de julho e a segunda quinzena de novembro, o que alterou todo o calendário acadêmico da Universidade. Só no segundo semestre de 2004 é que a situação foi normalizada.

A paralisação alterou os planos para o segundo semestre de 2001 não apenas no âmbito da sala de aula, mas de eventos do calendário da Universidade – entre eles, o Salão de Extensão. “Aquela greve parou tudo. Foi um período tenso, difícil, com estudantes ocupando unidades e o próprio Campus Centro. Com isso, o Salão foi naturalmente perdendo o foco”, lembra o então Vice-Pró-Reitor de Extensão da época, Fernando Meirelles, que assumiu o cargo na PROEXT poucos dias antes de a greve efetivamente começar.

Assim, o Salão de Extensão, previsto para ocorrer em setembro daquele ano, acabou não acontecendo.



CONFUSÃO NO PEDALINHO

As primeiras edições do Salão de Extensão investiram muito em programações fora da Universidade - notadamente no Parque da Redenção, vizinho ao Campus Centro. Na terceira edição do evento, entretanto, a interação com a comunidade quase causou um pequeno e inusitado conflito.

“Um pessoal da ESEF queria usar o lago do pedalinho para fazer canoagem, e os funcionários impediram, alegando que era preciso cobrar para usar o local”, lembra Cláudia Boettcher, diretora do Departamento de Difusão Cultural. “Na verdade, a gente tinha autorização para usar o Espelho d’Água”, conta. Esclarecida a confusão, o evento seguiu transcorrendo normalmente.

Ou melhor: foi adiado para março de 2002, mas oficialmente constava no calendário acadêmico do segundo semestre de 2001 – o qual transcorreu em dezembro daquele ano e abril do ano seguinte.

Meirelles conta que a apresentação cultural prevista para ocorrer no Salão de setembro de 2001 foi um dos raros eventos que a Universidade recebeu durante a greve. “O espetáculo com o Egberto Gismonti ocorreu através de uma negociação com o comando de greve. A Universidade já tinha pago,

Extensionistas da ESEFID realizam atividades de canoagem na Redenção durante o Salão de Extensão

não tínhamos como romper o contrato firmado por conta da paralisação das atividades”, explica.

O terceiro Salão entrou para a história também por outros dois motivos. Primeiro, pelo show histórico de Yamandú Costa no Salão de Atos, o qual valeu como recepção aos calouros que ingressavam na Universidade; segundo, pela inauguração da Mostra Virtual, uma inovação trazida pelo então diretor do Museu, Francisco Marshall, ao evento.



Planetário recebeu oficinas nas edições de 2012 e 2013 do Salão

UM ORGULHO DA CIDADE RECEBE ATIVIDADES DO SALÃO

Inaugurado em 1972, o Planetário Professor José Baptista Pereira é um orgulho não apenas para a UFRGS, mas para Porto Alegre. Na época, poucas cidades no mundo possuíam um planetário com um projetor tão sofisticado. Construído pela UFRGS em parceria com a Prefeitura da Capital, o órgão faz parte da Pró-Reitoria de Extensão e, além de promover, também já sediou atividades nos 20 anos de história do Salão de Extensão.

Isso ocorreu em 2012 e 2013, quando as atividades do evento passaram a ser descentralizadas. Eram os dois primeiros anos do Salão UFRGS integrado. A base do Salão de Extensão ainda era o Campus Centro, mas algumas sessões de Tertúlias passaram a ocorrer no Vale. Em 2012, sete oficinas ocorreram no Planetário (três na cúpula e quatro na Sala Multimeios). No ano seguinte, a modalidade voltou a ter o Planetário como um de seus locais de realização.

Com a ida do Salão para o Campus do Vale, o órgão precisou pensar em alternativas para se fazer presente no evento. Foi aí que surgiu a ideia do Planetário Itinerante, posta em prática na edição de 2018. “O propósito foi o de propiciar que o Planetário da UFRGS estivesse presente com identidade própria, realizando as atividades que caracterizam sua ação cotidiana: divulgação científica centrada em Astronomia e educação não formal para escolares e público em geral”, explica a atual diretora, Daniela Pavani.



Em seu ano de estreia, Planetário Móvel recebeu grande público escolar no Salão

Em 2018, a participação se deu em parceria com o Planetário da Unipampa, que possui a unidade móvel. “Foi uma colaboração importantíssima e que impactou nos participantes do salão acolhidos em nossas atividades”, comemora Daniela.

“É uma oportunidade única de mostrar a Universidade como um espaço que pode ser ocupado pelos estudantes”

Daniela Pavani, diretora do Planetário, sobre a recepção do público escolar no Planetário Móvel

A programação na cúpula inflável foi um enorme sucesso, com intensa participação de escolas durante todo o período do 19º Salão de Extensão.

“A riqueza está em receber este grande público, em especial escolar, pois é a partir desta oportunidade que podemos comunicar a ciência, divulgar a Universidade como espaço público que produz conhecimento e contribuir para uma formação cidadã da comunidade interna e externa”, explica a diretora. “É uma oportunidade única também de mostrar a Universidade como um espaço que

pode ser ocupado por estes estudantes para a sua formação profissional futura”, complementa.

A partir da edição de 2019, o Planetário já contará com sua própria unidade móvel, adquirida pela PROEXT. “Assim, além de mantermos a realização das sessões na cúpula inflável, podemos ampliar as ações envolvendo oficinas, incluindo apresentações artísticas que façam uso do espaço da cúpula e da projeção em 360º digital, enfim, tornando o Planetário Inflável uma marca do Salão”, projeta.



Maria Helena Steffani foi diretora do Planetário entre 2002 e 2017

UMA TRAJETÓRIA VOLTADA À POPULARIZAÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A maior parte da história do Planetário no Salão de Extensão ocorreu sob a direção de Maria Helena Steffani. Diretora entre 2002 e 2017, quando se aposentou, a professora do Instituto de Física se destacou por sua trajetória no ensino da ciência, o que ocorreu através de diversos programas

e ações inovadoras. O principal mérito de suas ações foi levar o conhecimento na área também às escolas, e não somente recebê-las no Planetário.

A contribuição de Maria Helena Steffani, por meio de seus projetos, se confunde com a missão

do próprio Planetário: popularizar e difundir o conhecimento científico através da promoção de atividades voltadas a todas as idades - vale lembrar que o Planetário conta com intensa programação infantil e adulta há décadas.

“Em meados da década de 1990, convencida da importância de despertar o interesse de crianças para a ciência, dei início a uma série de atividades lúdicas sobre eletromagnetismo, som, luz e mecânica para o público infantil a partir de 5 anos. Essas experiências, juntamente com outras ações de extensão voltadas para formação de professores, foram o foco principal de minha participação nos primeiros Salões de Extensão e, possivelmente, o fator que mais contribuiu para minha indicação à direção do Planetário em 2002”, avalia Maria Helena.

“É emocionante ver o quanto as pessoas apreciam o conhecimento astronômico”

Maria Helena Steffani, ex-diretora do Planetário

A participação da docente no Salão de Extensão se destaca pela multiplicidade de temas e modalidades de atuação. Participou do evento como mediadora de Tertúlias, ministrando Oficinas e Minicursos, foi presença destacada no Espaço Lúdico e fez parte também da comissão executiva de algumas edições. Sua gestão no Planetário e o caráter multidisciplinar de sua atuação lhe proporcionaram participações destacadas também no Salão UFRGS Jovem.

Mas, dentre tantas participações marcantes no evento, qual seria a que mais toca o coração de Maria Helena? “Tenho carinho especial pelas oficinas ‘A Terra como um grão de pimenta’”, revela. As atividades eram realizadas com pessoas de 4 a 80 anos, grupos de terceira idade, moradores de rua, surdos e deficientes visuais. “É emocionante ver o quanto as pessoas apreciam o conhecimento astronômico e se surpreendem pela nossa ‘pequenez’ no Sistema Solar. Essa atividade provoca reflexões filosóficas profundas sobre nossa origem, nosso futuro e sobre quem somos nós no Universo”, relata.

O entusiasmo com o Salão de Extensão é nítido na fala da docente. “O Salão é o momento mágico em que o extensionista cativa não somente seu público, mas também seus colegas de Extensão e é cativado por eles. Todos saem academicamente e pessoalmente revigorados”, analisa Maria Helena. “É maravilhoso ver o entusiasmo e o interesse desses grupos especiais por tópicos de Astronomia e temas que relacionam a Ciência com o cotidiano. O prazer da compreensão dos princípios científicos que regem a natureza se materializa, ao final das atividades, no resgate da autoestima dos cegos que passam a ‘ver’ através dos sentidos, nos generosos sorrisos da terceira idade, na barulhenta alegria dos surdos, no brilho do olhar, antes opaco, dos moradores de rua e, naturalmente, no contentamento das crianças!”, completa, com o entusiasmo de quem ajudou a desmistificar a ciência e trazê-la para o cotidiano da comunidade.

Professora teve atuação destacada em várias modalidades do Salão de Extensão



Sara Viola Rodrigues durante o 8º Salão de Extensão, em 2007



UM PERÍODO DE INOVAÇÕES E ATIVIDADES CULTURAIS MARCANTES

Professora do Instituto de Letras, Sara Viola Rodrigues foi pró-reitora de Extensão em três edições do Salão, entre 2006 e 2008. Sua chegada à PROEXT ocorreu em 2004, como vice de Antônio Carlos Stringhini Guimarães. Assumiu como pró-reitora em outubro do ano seguinte, permanecendo no cargo até setembro de 2008.

“Relembrando esses quatro anos, se tivesse de escolher um Salão entre os quatro por nós realizados, certamente escolheria todos. Cada um se destacou por inúmeros fatos e eventos de grande importância, alicerçados na relevância de seus temas.

Os programas desses Salões evidenciam que suas temáticas eram de alta relevância para o contexto histórico do momento”, entende Sara.

Durante a sua gestão, o Salão de Extensão experimentou algumas mudanças importantes em seu formato, como o retorno do evento ao Campus Centro, após a realização na ESEFID, em 2005. As comemorações pelo centenário do 14-BIS, na 7ª edição do Salão, também são lembradas como um momento marcante do período.

No ano seguinte, ocorreu aquela que provavelmente seria a maior das inovações do evento naquela fase:

o Espaço Lúdico Infantil (ver página 55), modalidade que reunia atividades de Extensão voltadas a crianças. Realizado em 2007 na Sala Fahrion, o Espaço Lúdico permaneceu como parte importante da programação do evento por cinco edições.

Outra marca importante do Salão durante a gestão de Sara Viola Rodrigues foram apresentações culturais diversificadas e marcantes. Destacam-se principalmente as peças teatrais “Tangos e Tragédias” (2006) e Bailei na Curva (2008), e os espetáculos “Tholl, Imagem e Sonho” e “Bolha Luminosa” (ambos em 2007).



Ramon Moser / DEDS - UFRGS

Mostra Interativa é a modalidade que deu origem ao Salão de Extensão

parece haver a continuidade dos objetivos que fizeram surgir a Mostra”, considera Ana Maria de Mattos Guimarães, pró-reitora de Extensão na época da realização da Mostra de 1995.

A maior parte das primeiras edições do Salão contou com a Mostra no Salão de Festas da Reitoria. Mas ela foi itinerante como o próprio evento a que deu origem: já ocorreu no pátio do Campus Centro, na ESEFID, no corredor à frente do Instituto de Letras, no Solarium do instituto e até mesmo no ciberespaço, caso da Mostra Virtual, ocorrida em 2002 a 2007 e 2011 (mais detalhes na matéria da página 39).

Antes de ir para o pátio, a Mostra recebia uma quantidade maior de projetos, que se revezavam em sua ocupação turno a turno. O cuidado com a edição inaugural foi marcante: “com cada um a gente discutia de que forma seria exposto aquele projeto. Era muito um olhar do Museu, que transformou o Salão de Festas num espaço expositivo. Nada de banners”, lembra Cláudia Boettcher, diretora do Departamento de Difusão Cultural, citando o trabalho do colega Francisco Marshall, então diretor do Museu Universitário.

A riqueza está na interatividade

Quem já participou do Salão de Extensão, seja como apresentador ou público, sabe que a Mostra é “a cara” do evento. “Acho que o mais rico é oportunizar que os extensionistas e projetos se conheçam,

A ESSÊNCIA DO SALÃO DE EXTENSÃO

Em 1999, dar visibilidade para as atividades de extensão desenvolvidas pela UFRGS era o objetivo primordial do primeiro Salão de Extensão. Esta ainda é uma das razões de existência do evento. Apesar de o formato acolher diversas outras modalidades de apresentação de trabalhos, todas com sua devida importância, nada representa melhor o espírito do Salão do que a Mostra de Extensão.

“Ela é a essência do Salão. É o que faz com que o Salão realmente aconteça, é a origem do evento”, define a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus. A dirigente extensionista tem razão: a Mostra é, inclusive, mais antiga que o próprio Salão. Em 1995, antes mesmo de se cogitar a existência do evento, a UFRGS organizou uma Mostra de Extensão no Campus Centro, em formato que faz lembrar o Salão de hoje.

Naquela edição experimental, 36 projetos aprovados pela PROEXT entre 1994 e 1995 participaram da Mostra. “Observando o 19º Salão de Extensão, vemos, como destaques, ações que seriam cobertas pelos eixos que priorizamos na gestão de extensão que organizou a Mostra de Extensão. Assim,



Salão Nobre do ICBS recebeu a Mostra de Extensão em 2000

percebiam a possibilidade de agir de forma interdisciplinar, de estabelecer uma conexão entre eles”, aponta Rita Camisolão, diretora licenciada do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social, setor responsável pela organização da modalidade desde 2009. “Além disso, considero a possibilidade de participação das comunidades onde os projetos se realizam nas equipes da Mostra, o tempo todo conhecendo outras ações de extensão da UFRGS”, complementa.

A diretora do DEDES, Patrícia Xavier, é outra que ressalta o caráter participativo do espaço. “A Mostra é muito rica, pois é o momento em que a

comunidade, tanto interna quanto externa, pode ter contato com alguns projetos que têm esse caráter de interação, de relação dialógica”, explica. Foi por conta disso que, a partir de 2006, a Mostra de Extensão ganhou um “Interativa” em seu nome. Assim, os critérios de seleção dos projetos que compõem o espaço assumiram novos elementos. Agora, não basta mais ser uma atividade de extensão para participar da Mostra. É preciso também que a ação tenha o que mostrar e saiba conversar com o público que frequenta o espaço.

“A Mostra é muito rica, pois é o momento em que a comunidade pode ter contato com projetos que têm caráter de interação”

Patrícia Xavier, diretora do DEDES

“O desafio na hora de selecionar os participantes é ter esse olhar de o que de fato tem potencial para interagir com as comunidades”, explica Patrícia. Assim, projetos que não contemplem as necessidades podem ser encaminhados para outras modalidades do Salão, como Tertúlias e Oficinas. Mas mesmo o processo seletivo pode ser sujeito a surpresas: “às vezes temos gratas surpresas, de projetos em que a gente pensa se vai mesmo funcionar e acabam dando certo. Mas também acontece o contrário: criamos expectativas e o projeto acaba sendo muito estático”, revela.

Todo projeto que pretende participar da Mostra deve informar no formulário de inscrição qual

UM EX-GOVERNADOR NA AULA DE GREGO E LATIM

A ocorrência de uma aula de latim e grego em pleno pátio do Campus Centro, por si só, já é uma ocasião inusitada. Se os ministrantes estiverem a caráter, com vestimentas típicas da Grécia e da Roma antigas, mais ainda. Agora, se um ex-governador do Estado estiver entre os alunos desta aula, o inusitado beira o “causo”. Mas aconteceu de verdade, e durante um Salão de Extensão.

“Com aquele burburinho todo em volta da Mostra, os alunos do NELE estavam ali sentadinhos, assistindo o minicurso. Entre eles, o Olívio Dutra, anotando tudo, concentrado, com a pastinha do lado”, diverte-se Patrícia Xavier, que presenciou a cena histórica, ocorrida durante o Salão de 2012.

Olívio, 78 anos, foi prefeito de Porto Alegre entre 1989 e 1992 e governador do Rio Grande do Sul entre 1999 e 2002, além de Ministro das Cidades entre 2003 e 2005. Apesar dos cargos importantes que ocupou durante sua carreira, é conhecido pela simplicidade e discrição, ficando famoso por, até hoje, utilizar o transporte coletivo para se locomover em Porto Alegre, como qualquer cidadão. Conhecendo seu perfil avesso a cerimônias, a história de ter participado como aluno das aulas promovidas pelo Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão em plena Mostra, na agitação do Campus Centro, torna-se bem menos inverossímil.

“Isso é o mais lindo na Mostra: ver as pessoas de fato mostrando seu projeto, interagindo, e a vida acontecendo ao redor. Ai, então, vemos nesse cenário um ex-governador estudando grego e o mundo acontecendo ao redor”, reflete Patrícia.

será a metodologia utilizada durante o evento para interagir com o público. Aqueles que não atenderem ao propósito de dialogar com os visitantes são encaminhados para outras modalidades. Além disso, os selecionados participam de reunião no DEDES, para que o propósito da interatividade com o público seja reforçado.

Apesar dos critérios rigorosos e do cuidado na escolha dos projetos, a seleção busca contemplar o máximo de projetos possível: “normalmente fazemos o esforço de acolher todos os projetos que se enquadram no perfil da Mostra. Tem sido já uma tradição os projetos compartilharem tempo e espaço, de modo que nenhuma proposta fique de fora do Salão”, explica Rita Camisolão.

Um dos projetos que mais tem atuado dentro do espírito da Mostra, por conta de sua natureza, é o Patas Dadas. A atividade comemora 10 anos em 2019 e surgiu a partir do envenenamento de dez cães dentro da Universidade. Virou ação de extensão em 2011, sob coordenação inicialmente de Renato Zamora Flores (docente do Instituto de Biociências) e, desde 2015, de Magali Lopes Endruweit, professora do Instituto de Letras. O projeto surgiu buscando controle e manejo de cães e gatos abandonados dentro do Campus do Vale, além de mediar a adoção destes animais.

O sucesso da atividade é garantido na Mostra. Muitas adoções já foram realizadas dentro do próprio Salão de Extensão, onde os animais ficam expostos com este fim. “Em um dos dias levamos o Hagrid, um cão muito sociável e calmo, que nos acompanhou a tarde toda. Ele foi fruto de abandono



Oficinas do Projeto Horticultura Urbana são sucesso na Mostra Interativa

e devoluções três vezes, e estava há algum tempo conosco no canil. Felizmente, poucos dias depois da Mostra, ele foi adotado por uma família com a qual está até hoje”, conta Gustavo Guimarães, voluntário do projeto, que também virou ONG.

Outro que lembra com carinho da atuação na Mostra é Luiz Fernando Kruehl, professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança. “Foi uma experiência extremamente importante e gratificante. Fizemos avaliação física das pessoas no Salão de Festas de forma gratuita por meio de uma estrutura complexa. Realizamos entrevistas, avaliação física e postural e uma prescrição no final sobre o que cada um deveria fazer. Tinha

até eletrocardiograma de esforço, um exame mais demorado, para algumas pessoas que eram escolhidas”, lembra o docente.

A Horticultura Urbana é outra atividade que vem participando com destaque do espaço. Para a coordenadora Tatiana Duarte, trata-se de uma “experiência muito boa, que proporcionou não somente expor o nosso trabalho, mas de interagir com os demais trabalhos de extensão e de até gerar parcerias entre os projetos, como no caso de 2018, em que tivemos uma tarde de atividades junto à Universidade Aberta para Pessoas Idosas (UNAPI)”, avalia Tatiana, lembrando que a Mostra aumentou bastante a visibilidade do seu projeto.

A Mostra sai da Reitoria (e entra na premiação)

A partir da organização da Mostra por parte do DEDS, a modalidade sai do prédio da Reitoria e vai para o pátio do Campus Centro, o que acrescentou mais um ingrediente à seleção: o espaço reduzido obrigou a diminuir também o número de projetos. Em 2014, a ida do Salão para o Campus do Vale dificultou as questões de logística - assim, a alternância de turnos entre os projetos tornou-se mais difícil. Os cerca de 20 estandes que compõem a Mostra anualmente devem permanecer abertos por parte dos projetos selecionados durante todo o tempo do evento. “Não é apenas a questão de deslocamento”, aponta Patrícia Xavier, “mas também para contemplar toda a variedade de público que circula durante o campus no período do Salão”.

Em 2018, a Mostra Interativa de Extensão voltou para um espaço interno - o Solarium do Instituto de Letras. De acordo com Patrícia, a principal vantagem da medida é estar imune à instabilidade do clima, uma marca da primavera porto-alegrense. No entanto, a preferência é pela Mostra em local aberto: “a visibilidade é maior. Além disso, é um espaço muito bonito, variado, colorido, com os projetos conversando e dialogando com o público. A Mostra tem que estar na rua”, defende.

Desde 2013, assim como as Tertúlias, a Mostra Interativa de Extensão contempla a eleição de um projeto destaque, que recebe o prêmio na cerimônia de encerramento do Salão UFRGS. A votação ocorre por meio da avaliação de quatro membros - um docente, um técnico, um aluno da Universidade e um membro de alguma

comunidade que interaja com projeto de extensão. Além disso, todos os participantes da Mostra avaliam os colegas, mas não avaliam seu próprio trabalho - sistema análogo ao das Tertúlias.

“A Mostra foi a janela que nos permitiu esclarecer várias ideias preconceituosas sobre a África”

Grâce Tsangou, estudante gabonês, integrante do projeto Múltiplas Áfricas

Um dos projetos premiados desde então foi o Múltiplas Áfricas. Coordenado por José Rivair Macedo, professor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e então diretor do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEAB) da UFRGS, o projeto reuniu na Mostra jogos africanos de tabuleiro, minioficineiras de línguas, experimentação culinária do continente, entre outras atividades.

“A Mostra foi a janela que nos permitiu esclarecer várias ideias preconceituosas sobre a África”,



Atividade de Extensão do CECLIMAR fez sucesso na Mostra Interativa em 2017

Elias Santos

explica Grâce Tsangou, estudante gabonês de Engenharia de Minas. “Melhorou também meu jeito de falar em público e foi uma ocasião onde pude vender a cultura do meu país e da minha etnia, além de voltar às minhas origens e poder produzir um documento - uma aula básica de punu (NR: idioma dos Bapunu, segundo grupo étnico mais numeroso do Gabão), do que me orgulho até hoje”, comemora Grâce, que distribuiu o documento para mais de 300 pessoas durante a Mostra.

Oriundo da Guiné-Bissau, o estudante de Relações Internacionais Cam-naté Augusto Bissindé foi outro que aproveitou muito bem a oportunidade oferecida durante a Mostra de 2017, especialmente por conta do curso que realiza na UFRGS. “Como futuro profissional da área, tudo o que eu mais

quero é a troca do conhecimento e oportunidades baseados na cooperação entre países, seja no ponto de vista econômico, social ou cultural”, analisa. “Posso afirmar que tudo o que demonstrei sobre o meu país foi um intercâmbio de conhecimento para com o público que participou do Salão”, completa o discente.

“A Mostra Interativa cria um espaço muito rico e diverso das atividades de extensão”, complementa Tatiana Duarte. “Oportuniza aos estudantes um local de exposição de seus trabalhos desenvolvidos na comunidade e para a comunidade. Gera um espaço de troca de saberes muito interessante e produtivo entre os projetos e seus atores, tanto internos quanto externos”, entende a docente da Faculdade de Agronomia.



Memorial da Imigração e Cultura Japonesa da UFRGS desenvolveu trabalhos com dobraduras em 2017

Elias Santos



Isadora Garcia

DONOS DO VALE, DONOS DA MOSTRA

Os cachorros que habitam o Campus do Vale são famosos há décadas. Circulam pelo pátio, entram nos prédios e até em salas de aula. Não são raros os registros de estudantes que os fotografam sentados em alguma cadeira, assistindo a disciplinas dos mais diversos cursos. Com o Salão ocorrendo no Vale desde 2014, é óbvio que eles se fariam presentes também.

A Mostra Interativa de Extensão parece ser um dos locais preferidos dos caninos. “Volta e meia a gente olhava para o sofazinho que tínhamos colocado dentro da Mostra e víamos algum cachorro bem instalado. As pessoas não podiam sentar, mas o cachorro estava lá, calmamente, olhando o movimento”, brinca Patrícia Xavier.

UM ESPAÇO PARA CURSOS (E MEDITAÇÕES)

A Mostra Interativa é o coração do Salão de Extensão. O ambiente pulsante e agitado, entretanto, não impede que sejam oferecidos cursos dentro do espaço, como o que o ex-governador Olívio Dutra participou, em 2012. “O fundamental da Mostra é a interação. É estar ali disposto a falar de ciência, de extensão, de pesquisa, ensino. Houve momentos em que a gente teve um espaço ali dentro mesmo para fazer uma roda de conversa, e funciona super bem, apesar de todo o burburinho acontecendo”, assegura Patrícia Xavier.

O barulho natural que se forma diante de tantas atividades acontecendo ao mesmo tempo não impede nem mesmo que as pessoas se concentrem ao extremo no momento presente. Em 2017, um grupo realizou meditação no jardim gramado ao lado do espaço, mesmo diante do ambiente fervilhante: “essas coisas só a extensão permite, essa disponibilidade de estar recebendo o diverso”, diverte-se Patrícia.

Estudantes de escolas públicas aprendem a fazer origamis durante a Mostra de Extensão



Ramon Moser / DEDS - UFRGS



Equipe da PROEXT durante a Mostra Virtual de Extensão de 2003

Helena Kempf

A INOVADORA MOSTRA VIRTUAL DE EXTENSÃO

A terceira edição do Salão de Extensão ficou marcada por uma inovação: a Mostra Virtual de Extensão. Em vez de pôsteres, como nos dois anos iniciais do evento, a Mostra foi para a internet. Os projetos ficavam expostos de maneira virtual, no site da Pró-Reitoria de Extensão, e não mais em um espaço físico com outros projetos. A concepção da ideia foi do então diretor do Museu, Francisco Marshall.

“A ideia veio de uma vanguarda na internet, que é a de criar ambientes no hiperespaço, mimetizando a espacialidade orgânica, porém, com informações hiperconectadas”, explica Marshall. A modalidade vigorou nas edições de 2002 a 2007 - em 2005 e 2006, também houve mostra física.

O modelo para a criação da Mostra Virtual veio do Museu Virtual da UFRGS, o primeiro do tipo na internet brasileira. Uma inovação que partiu

“Usamos o mesmo modelo para poder promover não apenas um catálogo, mas um ambiente de visitação digital”

Francisco Marshall, idealizador da Mostra Virtual de Extensão

do próprio Marshall: “uma das minhas primeiras realizações como diretor do Museu Universitário foi implantar o museu virtual, que era uma versão digital do nosso acervo, visitado, em 3D. Era um projeto experimental, com alunos da Faculdade de Arquitetura”, lembra. “Na Mostra, a gente usou o mesmo modelo para poder promover não apenas um catálogo, mas um ambiente de visitação digital”, explica o docente.



Mostra Virtual foi a grande inovação do Salão de Extensão em 2002

Mostra atual, não existia ainda, já que nos primeiros anos do Salão de Extensão o caráter era muito mais expositivo que interativo. Além disso, considerando a possibilidade de reduzir custos e padronizar o evento, a modalidade também foi apontada na época como uma vantagem para os

extensionistas, a partir da possibilidade de poderem inserir o máximo de informações necessárias no formulário, além de links úteis, o que a tornou uma importante ferramenta de divulgação do trabalho desempenhado por cada projeto.

A ideia da Mostra Virtual teve por base não apenas a inovação, mas também redução dos altos custos que os cartazes e banners causaram no orçamento das edições anteriores do evento. “A proposta veio para acabar com o custo dos pôsteres e também para os casos onde havia falta ou excesso de informações”, explica o então pró-reitor de Extensão, Fernando Meirelles. “Havia também discrepância entre a qualidade do material de um pôster para outro. A Mostra Virtual padronizou tudo isso e é eterna”, complementa, lembrando a possibilidade de perpetuação da exposição proporcionada pela internet.

Durante todo o período do Salão de 2002 foi montada uma ilha multimídia com computadores, a fim de que os visitantes pudessem acessar a Mostra. A partir de 2003, a pedido dos coordenadores das atividades participantes do espaço, os alunos passaram a poder também apresentar trabalhos na Mostra Virtual - no ano anterior, os usuários acessavam o acervo sem que houvesse qualquer mediação com estudantes ou coordenadores dos projetos expostos na rede. No entanto, dado o alto número de projetos cadastrados (260), foram selecionados 40, cinco de cada área temática, para apresentação.

Em tempos em que o que é mais valorizado na modalidade é justamente o contato direto com o público, uma Mostra Virtual parece fora de cogitação. No entanto, vale lembrar que o início do século 21 era um período de crescimento e popularização da internet no país, o que tornou o clima propício para a inovação. A ideia de um espaço de diálogo com o público, que é a cara da



Elias Santos

UMA DANÇA PELA ACESSIBILIDADE

O caráter integrador e a localização estratégica que a Mostra Interativa ocupa no Salão de Extensão causam encontros que nem sempre estão previamente marcados, mas caem como uma luva na realização e proposta do evento, mesmo que para isso alguns planos tenham de ser alterados na hora, improvisadamente. Foi o caso do dia de abertura do espaço do Salão de 2016.

Logo depois de aberta, a Mostra daquele ano recebeu uma escola que possuía duas estudantes cadeirantes. Ao perceberem que em frente ao espaço estava para começar a apresentação cultural que abria o Salão de Extensão, pediram para participar. A atividade era do grupo Brincantes do Paralelo 30. O coordenador do projeto, Jair Ulmann, professor da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, resolveu mudar o roteiro da apresentação para poder incluir as duas visitantes com deficiência física.

“Terminada a atividade, o professor comentou conosco que a dança deveria circular pelo campus subindo e descendo escadas, o que impediria a participação das meninas. Percebendo o encantamento delas quando entraram na atividade, ele realizou toda ela ali mesmo, em frente à Mostra”, revela Rita Camisolão, diretora licenciada do DEDES. Mais um exemplo de que criatividade e a inclusão são, de fato, duas das maiores qualidades da extensão universitária.



LINHA DO TEMPO

Esta linha do tempo tem o objetivo de situar o leitor de maneira cronológica na história do Salão de Extensão. Nela estão os cartazes de todas as 20 edições do evento, seus temas e um destaque de cada Salão. A linha colorida ao centro indica qual era o (a) pró-reitor (a) da época das respectivas edições.

EU FAÇO EXTENSÃO


UFRGS
PROEXT
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO

Mário Bit-Monteiro



1º / 1999

21/06 a 02/07

Universidade & Sociedade

O objetivo do 1º Salão era dar visibilidade às atividades de Extensão da Universidade

Mário Bit-Monteiro



3º / 2002

17 a 20/03

Identidade e Diversidade

Edição que ficou marcada pela Mostra Virtual, por conferências marcantes e um show histórico de Yamandú Costa

Airton Cattani



5º / 2004

17 e 18/05

Transversalidade da Extensão no Ensino e na Pesquisa

Palestra com José Jorge de Carvalho (UnB) é a pioneira em abordar o tema das cotas na UFRGS

6º / 2005

29 a 31/08

Extensão, Cultura e Sociedade

Primeiro Salão realizado fora do Campus Centro (e único na ESEFID até hoje)

Rosâne Vieira



7º / 2006

24 a 28/09

Ampliando as Fronteiras da Universidade

Espectáculo Tantos e Tragédias e exposição comemorativa ao centenário do 14-BIS foram os destaques desta edição

Divulgação / PROEXT



9º / 2008

02 a 05/09

A Extensão e suas interfaces

A peça teatral Baile na Curva lotou o Salão de Atos, naquele que foi o primeiro Salão com o Encontro da Extensão

Divulgação / PROEXT



11º / 2010

04 a 08/10

Encontros e Desencontros: Ensino, Pesquisa e Extensão

Edição marcada pela conferência de Juan Enrique Díaz Bordenave

Rosâne Vieira



13º / 2012

02 a 04/10

Formação, Conhecimento e Inovação

Ano de estreia das Tertúlias, formato que proporcionou debates com extensionistas de diferentes áreas

Rosâne Vieira



15º / 2014

20 a 24/10

Ciência - Desenvolvimento - Sociedade

Nos 15 anos do Salão de Extensão, a primeira edição realizada integralmente no Campus do Vale

Rosâne Vieira



17º / 2016

12 a 16/09

Paz no Plural

Participação marcante de Kiusam Oliveira no Encontro de Extensão

Rosâne Vieira



19º / 2018

15 a 19/10

Vozes Diversas, Diferentes Saberes

Em seu ano de estreia, o Planetário Móvel faz grande sucesso junto ao público escolar

Luiz Fernando Coelho de Souza

Fernando Meirelles

Antônio Carlos Guimarães

Sara Viola Rodrigues

Sandra de Deus

2º / 2000

25 a 28/06

Conhecimento e Mudança Social

Primeira edição do Salão que teve início na Redenção, com o Domingo no Brique



Mário Bit-Monteiro

4º / 2003

13 a 16/09

Ética e Extensão na Universidade Pública

O evento contou com participação marcante da compositora Marliu Miranda



Airton Cattani



Ana Busco

8º / 2007

24 a 27/09

Extensão e Sustentabilidade

A maior novidade desta edição foi a criação do Espaço Lúdico Infantil, que reuniu atividades de Extensão voltadas às crianças



Rosâne Vieira

10º / 2009

22 a 25/09

O Mundo de Quem Acredita

Celebração dos 10 anos do Salão trouxe programação cultural diversificada



Divulgação / PROEXT

12º / 2011

03 a 07/10

Formação, Conhecimento e Inovação

Primeira edição realizada de maneira integrada ao Salão UFRGS



Rosâne Vieira

14º / 2013

22 a 24/10

Universidade e Desafios da Sociedade

A Extensão entra na cerimônia de premiação do Salão UFRGS, com destaques eleitos na Mostra e Tertúlias



Rosâne Vieira

16º / 2015

13 a 23/10

Redes Sociais: Conexões que Transformam

José Geraldo de Souza, ex-reitor da UnB, fala sobre o histórico projeto de extensão Direito Achado na Rua



Rosâne Vieira

18º / 2017

16 a 20/10

Universidade Múltipla, Inovadora, Inspiradora

Participação dos avaliadores externos Leonardo Croatto (Uruguai), Julio Alberto Núñez (Bolívia) e Daniel Morales (UFMS)



Rosâne Vieira

20º / 2019

21 a 25/10

Universidade: Presente!

O Salão de Extensão promove programação especial comemorativa aos seus 20 anos de história



Rosâne Vieira



Gisele Endres



Gisele Endres



Gisele Endres

Tertúlias privilegiam as trocas de ideias e experiências entre os extensionistas

QUALIFICANDO DISCUSSÕES E REFLEXÕES DESDE 2012 (OU BEM ANTES DISSO)

Quem toma um primeiro contato com o Salão de Extensão e seu formato sempre faz a mesma pergunta: “afinal, o que é uma tertúlia?”. A novidade foi implantada na 13ª edição do evento, mas o conceito é bem anterior a isso.

“Quando a Sandra (de Deus, pró-reitora de Extensão) me procurou em 2010 para fazer o Congresso Brasileiro de Extensão Universitária (CBEU) é que veio a proposta de fazer o formato de tertúlia”,

conta Fernando Meirelles. “A ideia foi aprovada pela coordenação do congresso, e deu muito certo”, lembra Sandra de Deus.

Mas o formato é bem anterior ao começo da década, conta Meirelles, pró-reitor de Extensão da UFRGS entre 2001 e 2004: “tertúlia é uma expressão que eu tinha ouvido do meu avô, quando ele era aluno da Universidade. A disputa de ideias, com réplica, tréplica. Quando fui convidado a fazer parte da

comissão científica do CBEU 2011, pensei que era a hora de resgatar aquilo. É um formato muito mais instigante, que enriquece o evento”.

O conceito de tertúlia difundido nos Salões de Extensão trata de uma reunião entre pessoas interessadas em um mesmo tema para debate e informação, privilegiando o diálogo e a aprendizagem a partir de troca de ideias e experiências entre as atividades de extensão da UFRGS e das outras instituições de ensino superior participantes do evento. Na prática, o modelo substitui as tradicionais apresentações orais – em que os painelistas apresentam seus trabalhos por um tempo determinado, respondem a perguntas e depois se sentam para assistir os outros colegas de sessão fazerem o mesmo. Na tertúlia, cada convidado apresenta seu projeto brevemente e, a seguir, têm início discussões a respeito da prática de cada atividade e de questões que afetam a Extensão. Cria-se, portanto, um momento de reflexão sobre o próprio fazer extensionista.

A estratégia parecia arriscada: utilizar em um evento de porte nacional um formato que a própria UFRGS não havia testado em seus próprios salões. “De início, as pessoas estranharam”, admite Meirelles. “Elas não entendiam por que iriam receber o resumo dos trabalhos dos outros participantes da tertúlia. Alguns perguntavam se podiam trazer pôster para apresentar. Explicávamos que sim, era possível, mas que o que queríamos era a



Fernando Meirelles trouxe as Tertúlias como novidade no CBEU 2011

na forma de tertúlia leva à participação e contribuição de forma muito mais efetiva de todos os presentes na sessão”.

“É um formato muito mais instigante, que enriquece o evento”

Fernando Meirelles, idealizador das Tertúlias no CBEU 2011

Um formato que se moldou ao Salão (e à Extensão)

A partir da experiência positiva do CBEU, vários outros eventos de extensão Brasil a fora passaram a utilizar o formato de tertúlia como alternativa às

tradicionais apresentações orais. A Universidade Federal da Paraíba é uma das que tem usado com regularidade o modelo em seu Encontro de Extensão. Por aqui, além da experiência de sete edições seguidas neste formato no Salão, a 36ª edição do Seminário de Extensão Universitária da Região Sul (SEURS 36), sediado na UFRGS em agosto de 2018, também adotou as tertúlias com repercussão positiva junto aos participantes.

“Para mim, a grande evolução no formato do Salão de Extensão foi passarmos das comunicações orais para as tertúlias”, avalia a pró-reitora Sandra de Deus. “É um modelo maravilhoso, que permite uma discussão, o compartilhamento das propostas



Sessão de comunicação oral durante o Salão de Extensão em 2010

troca de ideias, um dando opinião sobre o projeto do outro, para saber, aprender, trocar”.

No fim das contas, o risco valeu a pena. Além de prosperar e qualificar as discussões do CBEU 2011, as tertúlias passaram a ser adotadas no ano seguinte no Salão de Extensão, formato que perdura até os dias de hoje. “Modéstia à parte, acho que foi um sucesso”, comemora Meirelles. “É um formato muito mais instigante, que enriquece o evento”. O presidente da Câmara de Extensão da UFRGS, João César Netto, concorda: “a discussão e reflexão

que são apresentadas. Não é à toa que tem sido utilizado em vários lugares Brasil a fora”, analisa.

A opinião de Sandra é compartilhada pelo ex-presidente da CAMEX, Luiz Fernando Kruehl: “a estrutura que a Extensão conseguiu montar a partir da implantação das tertúlias foi um diferencial muito grande”, analisa. “Em uma tertúlia, tu consegues reunir professores de unidades diferentes, com projetos que têm um pequeno elo, mas com bases completamente diferentes, e isso é apresentado em uma mesma sessão. Isso pode nos colocar em contato com professores de outras lugares da UFRGS, que a gente nem conhece pessoalmente, ampliando muito a interação entre as unidades”, elogia o docente da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança.

Extensionista presente desde a primeira edição do Salão, Tânia Ramos Fortuna, professora da Faculdade de Educação, vai além. Para ela, o formato poderia ser incorporado a outros salões, extrapolando o âmbito das discussões relativas à Extensão: “(as Tertúlias são) dignas de ser incorporadas aos outros salões, dada a dimensão dialógica que as define e que viabilizam”, considera a docente.

Resistência inicial

A Assessoria Técnica do Departamento Administrativo e de Registro da Extensão é a responsável pela organização das tertúlias desde que o formato foi implantado no Salão de Extensão, em 2012. Ao todo, sete edições já transcorreram desde então. O formato de execução dos trabalhos, porém, já mudou bastante. Nos primeiros anos, as sessões continham até 13 projetos, com

dez minutos de apresentação para cada um, o que diminuía o tempo disponível para a troca de ideias, que é justamente o propósito da tertúlia. Assim, o tempo de fala diminuiu para cinco minutos, e o número de projetos por sessão diminuiu de 13 para 10.

A exemplo do que ocorreu no CBEU de 2011, houve uma natural resistência inicial à mudança das apresentações orais para a nova proposta: “houve muita reclamação de início, quando se mudou de dez para cinco minutos o tempo de apresentação. As reclamações foram tremendas na hora da inscrição dos trabalhos no evento. Depois vieram os elogios, porque viram que o mais importante não é a apresentação, mas o debate”, conta Carla Bastos dos Santos, Técnica em Assuntos Educacionais do setor.

“Essa transição foi caracterizando o que hoje é a tertúlia. Foi melhorando o trato e mostrando também qual é a visão da Extensão que se tem”, explica Carla. “Antes se tinha uma visão da extensão muito próxima da pesquisa – os moldes da pesquisa se enquadravam para a nossa atividade. (A tertúlia) ajudou a trazer uma identidade própria para a extensão”, completa. Até 2011, o modelo seguido pelo Salão de Extensão era o de apresentações orais, ainda sem avaliação e premiação.

Diálogos e construções coletivas

Assim, aquele formato ainda um tanto engessado foi aos poucos se transformando. As Tertúlias passaram a propiciar um momento mais dialógico e construtivo no Salão, envolvendo os variados públicos que fazem a extensão universitária. “Elas nos propiciam discussões sobre como



Formato diferenciado de apresentação é uma das inovações das Tertúlias

melhorarmos a Extensão dentro da Universidade e a refletir sobre suas potencialidades e fragilidades com diversos atores”, aponta Adriane Vieira, professora da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança premiada em 2016 e 2017 com seu projeto Educação Postural para a Comunidade.

A construção conjunta significa, também, poder dialogar com extensionistas de outras unidades, às vezes totalmente diversas, já que as sessões de tertúlias são montadas por temas com um fio condutor que permita a troca de ideias e não simplesmente por áreas do conhecimento. “Um dia um professor veio aqui e disse ‘não dá pra conversar só com os nossos, isso a gente faz sempre. Tem que misturar. A gente quer conversar com

outras unidades, outras áreas'. Então, começamos a montar sessões bem misturadas, procurando ter pelo menos quatro ou cinco unidades em cada sala", conta Carla Bastos.

A própria Técnica em Assuntos Educacionais presenciou um desses momentos de construção entre áreas distintas: "na cerimônia de premiação de 2014, duas professoras de áreas bem diferentes disseram que a experiência na tertúlia havia sido ótima. No ano seguinte, propuseram um projeto juntas", conta. "Em outra oportunidade, uma atividade da UFSM se reconheceu em uma da UFRGS", revela, lembrando que uma das riquezas da tertúlia é receber trabalhos de outras instituições de ensino superior no Salão. A

Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) é outra cuja presença nas sessões costuma ser intensa.

"A inovação da tertúlia é justamente o formato diferenciado de apresentação, com diálogos transversais", considera Rumi Kubo, professora da Faculdade de Ciências Econômicas. "Por mais que os participantes tragam um formato mais tradicional de apresentação, a tertúlia está se consagrando, e esse é o caminho", completa. "As Tertúlias são realizadas em um formato que permite uma interação muito interessante entre os projetos de extensão. Foi onde de fato em me senti inserido em atividades extensionistas", concorda Renato Ribas, docente do Instituto de Informática.

"A tertúlia não precisa ser um consenso, mas sim servir para um debate de ideias"

Sandra de Deus, pró-reitora de Extensão

Outra que defende o formato é a Administradora Lívia Biasotto, técnica do Salão de Atos, que já teve a oportunidade de atuar como mediadora de sessão. "Gostei muito, porque é um lugar de troca", lembra ela. "Foi a experiência mais rica que já tive no Salão de Extensão, e isso que peguei uma área que nem era a minha. Era gente da Agronomia, do Desenvolvimento Rural. Aprendi muito e vi que todo mundo também saiu feliz. Foi muito construtivo", explica.

Sandra de Deus lembra que eventuais discordâncias em sessões de tertúlias fazem parte do processo e, inclusive, simbolizam a riqueza do formato: "a tertúlia é para isso mesmo, ela não precisa ser um consenso, mas sim servir para um debate de ideias. Às vezes existem conflitos, pois há diferentes áreas do conhecimento debatendo um mesmo tema", considera a pró-reitora.

Apesar disso, as convergências, os encontros inesperados e os momentos bonitos são o que de mais marcante trazem as sessões: "Em 2017, uma estudante, após o relato específico da sua vivência na atividade, falou de algumas dificuldades específicas do seu curso, em um momento difícil da sua vida, disse que só continuou a fazer o curso por causa da extensão. O depoimento me emocionou, confesso", revela João Netto. Emoções que só discussões de peito aberto são capazes de proporcionar.

A PREMIAÇÃO NAS TERTÚLIAS

Desde 2012, quando foram implantadas como modalidade no Salão de Extensão, as Tertúlias passam por avaliação. Mas foi a partir da edição do ano seguinte que os projetos-destaque passaram a ser premiados na cerimônia de encerramento do Salão UFRGS.

A premiação no Salão de Extensão, tanto nas Tertúlias como na Mostra Interativa, é diferente da ocorrida em outros salões. Se no SIC, por exemplo, que recebe o destaque é o aluno apresentador, na Extensão é a atividade que recebe a premiação, em conjunto. Outra diferença importante é que a avaliação não é realizada por uma banca examinadora: em ambas as modalidades extensionistas, os projetos avaliam uns aos outros.

No caso das Tertúlias, as atividades atribuem uma nota aos colegas de sessão. Os pareceres do mediador e de um apreciador externo também fazem parte da composição final das notas, que apontam os destaques de sessão. Todos preenchem uma ficha de avaliação, tendo por critérios as diretrizes da extensão universitária. O Comitê Sênior, formado por extensionistas da Universidade, elege os oito premiados dentre os 36 destaques de sessão.

A relação dos projetos com maior pontuação é aguardada pelos extensionistas e pela própria Assessoria Técnica. "Acompanhar em tempo real a avaliação para ver qual vai ser o destaque de cada sessão sempre gera uma expectativa na gente", revela Polliane Nunes, Técnica em Assuntos Educacionais da PROEXT.



Modalidade permite troca de experiências com outras universidades



Destaques e premiados das Tertúlias durante a cerimônia de encerramento do Salão em 2016



Oficinas na Redenção movimentavam primeiras edições do Salão

Guilherme Imhoff / Núcleo de Fotografia – UFRGS

VIVENCIANDO A EXTENSÃO NA PRÁTICA

Presentes desde a primeira edição do Salão, as Oficinas são uma atração à parte no evento, por aguçarem a curiosidade do público e envolverem, numa mesma atividade, extensionistas, comunidade acadêmica que não necessariamente pratique Extensão e a comunidade externa - tanto a que se envolve com o projeto quanto o público visitante do Salão, como escolas.

O conceito que define as oficinas no Salão de Extensão é o de atividades práticas e vivenciais, com cerca de duas horas de duração, que podem tanto realizar a produção de materiais como a apresentação de tópicos trabalhados pelos projetos de extensão, ajudando a trazer na prática o que cada ação desenvolve junto à comunidade na qual atua. “A ideia de fazer oficinas é trocar experiências entre

a Universidade e os seus públicos. Eu as defendo como algo muito importante da extensão universitária”, destaca a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus.

“Além de ser um momento de descontrair, por ser geralmente alguma atividade prática, a oficina utiliza recursos pedagógicos muito bons. Tu passas a conhecer o trabalho desenvolvido não apenas por meio de um texto: tu mesmo podes fazer e trazer as pessoas junto. É uma oportunidade riquíssima de divulgação, de aproximação, de contatos, intercâmbios”, avalia Cláudia Aristimunha, diretora do Museu, órgão responsável pela organização geral da atividade desde 2015 - anteriormente, esta atribuição cabia à equipe do Salão de Atos. “Antes

“As Oficinas são uma oportunidade riquíssima de divulgação, de aproximação, de contatos, intercâmbios”

Cláudia Aristimunha,
Diretora do Museu da UFRGS

disso, nossa participação ocorria mais oferecendo atividades que organizando a modalidade. Por dois anos, chegamos a oferecer, no Salão de Festas, uma oficina sobre preservação de documentos históricos”, lembra.

Se a Tertúlia entra a fundo em questões extensionistas, mas exige certa iniciação para que haja entendimento da discussão, e a Mostra Interativa apresenta

projetos e seus principais produtos desenvolvidos, as Oficinas funcionam como uma mistura de ambas as modalidades, reunindo teoria e prática de uma maneira simples e, muitas vezes, até mesmo lúdica. “Acho que a grande importância da oficina é que ela permite ao público ver e entender o que é Extensão”, analisa a Produtora Cultural do Museu, Rafaela Thomaz.

Uma das coordenadoras do projeto Encontro de Saberes, Rumi Kubo, professora da Faculdade de Ciências Econômicas, lembra que a troca de conhecimentos entre Universidade e comunidade é um dos pontos positivos das Oficinas: “lembro uma vez de participar de uma oficina na qual um indígena Mbyá-Guarani trabalhou com cerâmica. Foi muito interessante. É um espaço de confraternização e convívio muito considerável”, avalia a docente.

Um espaço para descobrir (e desconstruir!)

A participação do público nas Oficinas tem também um caráter de descoberta. “Elas possuem recursos muito legais em termos pedagógicos. Vários alunos já saíram de Oficinas dizendo ‘me achei aqui, é isso que quero fazer’”, conta Cláudia Aristimunha. “São formas desse pessoal entrar em contato com a Universidade. Quando tu estás em uma tertúlia, tu ficas sabendo o que cada um faz; na Mostra, enxerga os produtos produzidos por esses projetos; na oficina, vê tudo isso na prática”, ressalta.

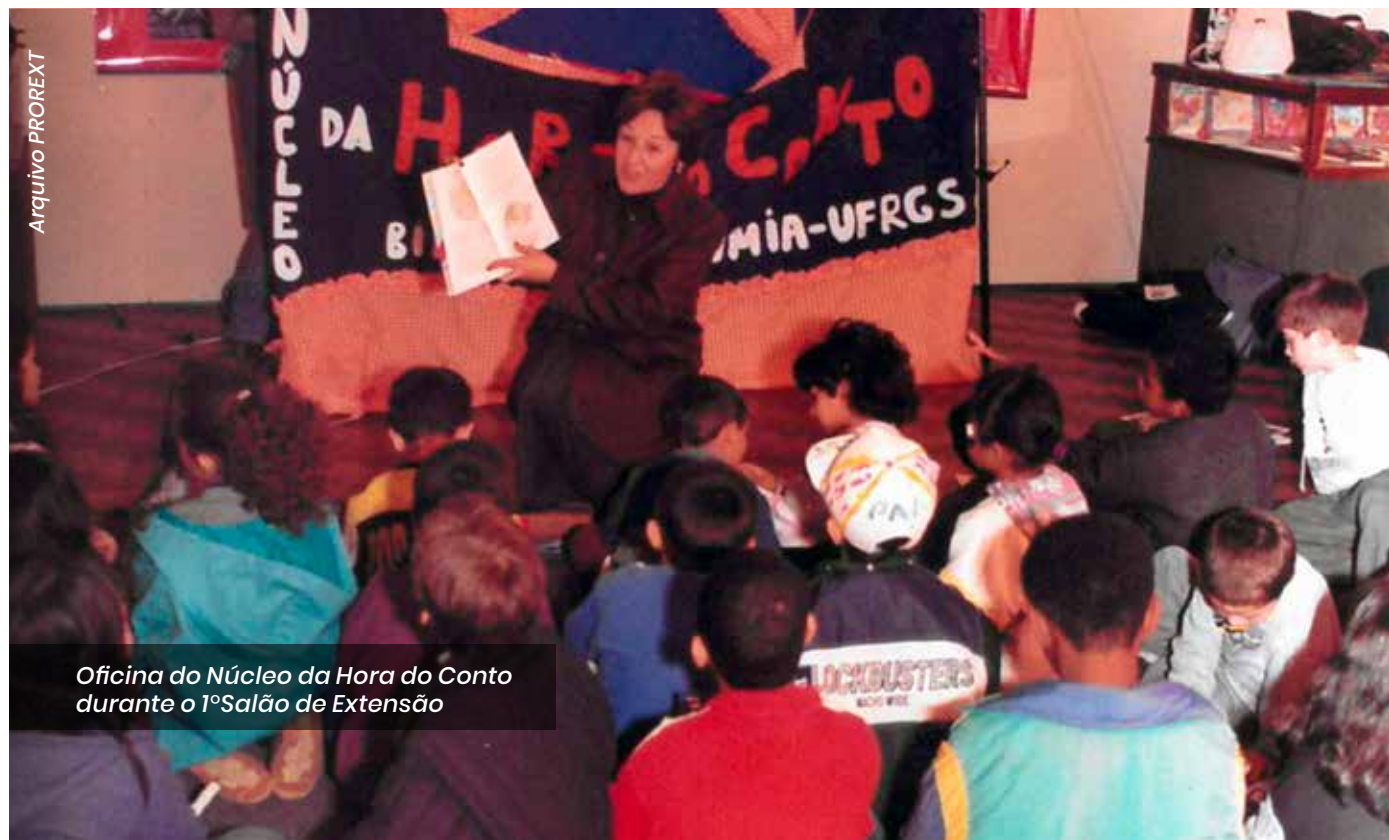
A fala de Cláudia diz respeito não apenas ao trabalho no Salão de Extensão: a experiência na

realização de oficinas é uma marca do trabalho desenvolvido pelo Museu da UFRGS, que tem no formato uma prática habitual em diversas atividades do órgão ao longo do ano. A transformação que elas são capazes de proporcionar aos participantes, portanto, em nada a surpreende. E esta transformação não diz respeito apenas ao público das oficinas, mas também aos estudantes que muitas vezes as ministram.

“A gente vê isso aqui no Museu”, relata Cláudia. “Alguns chegam dizendo que não querem ser professores, por exemplo, e, a partir do contato com o público, acabam saindo daqui direto para uma escola. Acabam desenvolvendo uma forma de transmitir o conhecimento adquirido em uma

linguagem acessível a todos, para diversos níveis de escolaridade, formação. A participação nas oficinas é incrível para o desenvolvimento dos alunos”, avalia.

Além de abrir caminhos a partir da demonstração de experiências práticas, as Oficinas costumam ser momentos leves para os participantes, o que ajuda no processo não apenas de absorção de conhecimentos, mas também de integração. “Um dos momentos mais legais que guardo na memória sobre o Salão é uma oficina de dança em que estávamos eu, o Paulo (Baldo, do Núcleo de Divulgação do DARE) e a Roseli (Baldasso, então servidora do Museu, já aposentada) dançando jazz. Foi muito engraçado”, diverte-se Rafaela.



Oficina do Núcleo da Hora do Conto durante o 1º Salão de Extensão

Arquivo PROREXT



Oficinas propiciam trocas de experiências entre a Universidade e seus públicos

Gisele Endres

“O Salão como um todo é um momento muito legal de integração com todos os colegas da PROREXT”, acrescenta Cláudia. “São momentos em que tu podes experimentar coisas diferentes do nosso dia-a-dia. Momentos para vivenciar a meditação, pegar uma planta para levar para casa, coisas que só as oficinas conseguem proporcionar”, considera.

Formar público é o grande desafio

Apesar do formato instigante e de proporcionarem momentos prazerosos de conhecimento e integração, as oficinas enfrentam como principal desafio reunir maior público para suas realizações. “A principal dificuldade que a gente tem é trazer pessoas da sociedade e de outros movimentos sociais que participem delas”, reconhece Sandra de Deus. “Isso não é um problema da Universidade: é um problema de quem vem participar, pela dificuldade que as pessoas têm de se deslocar para essas oficinas. A Universidade não consegue ir lá buscar seus parceiros aqui para dentro”, explica a pró-reitora, lembrando que muitas comunidades que recebem as atividades de extensão da UFRGS ficam em locais distantes dos campi.

Realizar as oficinas nas próprias comunidades onde se desenvolvem as ações também não é uma alternativa viável: “já fizemos uma experiência de fazer oficinas na comunidade, nos locais onde o projeto se realiza. Isso gera muito trabalho e dá uma esvaziada dentro do campus”, analisa Sandra.

Coordenador do projeto LoBoGames, Renato Ribas defende uma alternativa diferente: a realização das Oficinas dentro da Mostra Interativa, e não

em salas de aula: “de certa forma fizemos isso em algumas edições do Salão. Ao longo da Mostra, que poderia ocupar um espaço aberto maior do Vale, as atividades de extensão poderiam organizar mini-oficinas com os visitantes”, sugere o professor do Instituto de Informática.

Luiz Fernando Kruehl foi um dos extensionistas que já experimentou na prática o desafio de formar público para a realização de oficinas no Salão: “uma das coisas que talvez dificulte é a divulgação de uma oficina para um determinado público-alvo. Já aconteceu de a gente montar uma oficina e vir pouca gente, mesmo com um tema extremamente interessante. É uma dificuldade dentro do Salão. Tem seus prós de montar um salão junto com Ensino, Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação. Mas é difícil conseguir divulgar isso de forma efetiva, todas as oficinas, palestras”, avalia o docente, analisando que o salão integrado proporciona muitas atividades ao mesmo tempo: “neste ano, irei para o Salão com 11 projetos de iniciação científica e

cinco de extensão. Para a gente, que vive muito o evento, fica difícil de acompanhar outras coisas”, exemplifica.

Diante das dificuldades de deslocamento e das inúmeras atividades ocorrendo ao mesmo tempo, a avaliação de Cláudia Aristimunha é que os projetos devem formar seus próprios públicos para que as oficinas tenham sucesso: “os coordenadores precisam pensar em maneiras de trazer seu público”, destaca a diretora do Museu. “A gente divulga junto às escolas, para públicos que pensamos que são o direcionamento correto, mas são muitas oficinas ocorrendo ao mesmo tempo. É necessário que a comunidade interna participe mais e se responsabilize em trazer seus públicos potenciais”, afirma.

Para quem está vivendo o Salão de Extensão de 2019, ou pretende vir ao evento nos próximos anos, fica então o convite para participar. “Às vezes uma atividade, uma mediação, é capaz de mudar a vida de um aluno”, complementa Cláudia.



Minicurso de Dança Contemporânea em 2015, último ano da modalidade no Salão de Extensão

OFICINA OU MINICURSO?

Essa pergunta é muito comum. Tanto quem vai inscrever trabalho em evento acadêmico e não sabe em qual categoria enquadrá-lo como para quem é público destes encontros e quer decidir de que atividade participar. Tudo porque há dificuldade de entender qual a diferença entre oficina e minicurso.

“Em geral, não existe uma definição muito clara (do conceito). Minicursos e oficinas sempre geram muita confusão”, explica a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus. A dúvida surge, primeiro, pelo caráter de curta duração de ambos. Enquanto oficinas buscam passar conceitos aos participantes através de atividades práticas, os minicursos buscam trazer uma visão geral sobre determinado assunto, trazendo tópicos trabalhados nas atividades de extensão, mas em formato de curso.

Outro problema que causa confusão é o formato proposto das atividades em ambas as categorias.

Como muitos minicursos oferecidos propõem a produção de materiais, a linha que divide o conceito deles em relação às oficinas ficou tênue demais. “Minicursos e oficinas acabavam sendo muitas vezes a mesma coisa”, conta Cláudia Aristimunha, diretora do Museu da UFRGS.

Por conta da dificuldade de entendimento geral a respeito das diferenças entre as duas modalidades, os minicursos foram abolidos do Salão de Extensão em 2016. “O minicurso não precisa estar no Salão. Se eu vou dar um curso, vou dar esse curso em qualquer momento, não precisa ocupar outro espaço no Salão, que deve ser rico em troca de experiências, com um curso que eu estou dando simplesmente para que alguém aprenda alguma coisa”, entende Sandra de Deus.

Para a pró-reitora, no entanto, não é a oficina que tornou os minicursos dispensáveis no Salão de

Extensão: “acho que o minicurso servia muito quando tu não tinha tertúlia. Porque aí havia as comunicações orais, em que as pessoas vinham ali e faziam uma fala, então tu podias fazer um minicurso e socializar os conhecimentos com alguém. Hoje, é possível conseguir isso na sessão de tertúlia”.

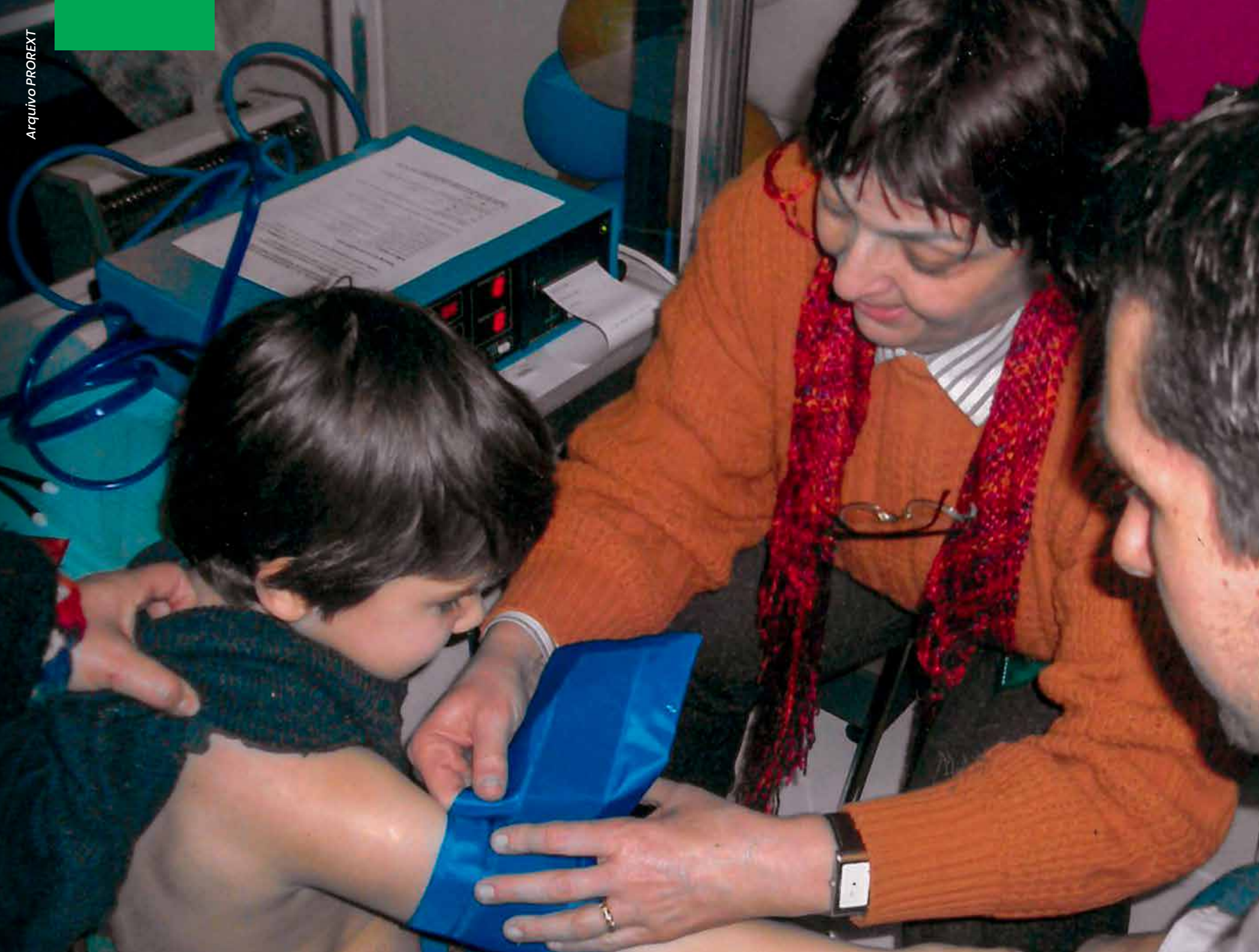
Apesar de a última edição como minicursos ter ocorrido no Salão de 2015, os problemas de enquadramento dos trabalhos inscritos nas modalidades persistem: “sempre pedimos um resumo que traga aquilo que a atividade vai oferecer. Dependendo do caso, o trabalho se enquadra melhor em uma tertúlia do que em uma oficina”, revela Cláudia.

Mais que “culpa” dos minicursos, o caráter interativo e dinâmico das oficinas facilita confusões inclusive com outras modalidades. Em uma das edições do Salão de Extensão, uma oficina de música realizada em uma das salas de apoio do Salão de Atos acabou no hall do próprio prédio, transformando-se em uma atividade cultural que teve como público os participantes de outras oficinas que ocorriam no local.

Em 2014, ocorreu o movimento inverso: a Tertúlia com o tema “Artes Integradas” terminou como uma espécie de oficina de dança entre os participantes da sessão, a partir de uma atividade proposta por um dos projetos participantes. A tertúlia em questão reunia atividades de extensão de dança, artes visuais, fotografia, música, publicidade e propaganda e poesia, de cinco diferentes unidades da UFRGS, além de um projeto de extensão da Universidade Federal de Santa Maria.



Minicurso sobre flora arbórea nativa do Campus do Vale no Salão de 2015



Modalidade reunia crianças de diversas escolas de Porto Alegre

BRINCADEIRAS E MUITO APRENDIZADO NO SALÃO DE EXTENSÃO

Das modalidades extintas do Salão de Extensão, nenhuma traz tanta saudade a quem viveu os 20 anos do evento quanto o Espaço Lúdico. Presente em cinco edições do Salão (2007 a 2011), reunia oficinas das mais diversas áreas do conhecimento voltadas para crianças.

A ideia surgiu a partir da realização daquela que viria a ser o embrião e primeira edição da modalidade, a "Ação Educativa - Lúdica: Geração MudaMundo". A atividade foi realizada na Sala Fahrion, no segundo andar do prédio da Reitoria, na 8ª edição do Salão. A iniciativa deu tão certo que perdurou por mais quatro Salões, recebendo

o nome definitivo de Espaço Lúdico Infantil a partir de 2008 e permanecendo como modalidade na programação oficial do evento até 2011.

O objetivo da ação era dar visibilidade às práticas lúdicas constituídas nos projetos de Extensão da Universidade a partir do desenvolvimento de diferentes atividades que tematizassem o brincar-aprendendo e o aprender-brincando. Projetos ligados à cultura, astronomia, literatura, comunicação e saúde, todos voltadas ao público da educação infantil e séries iniciais, fizeram parte da edição inaugural. Em anos seguintes, o espaço recebeu também contação de histórias, primeiros socorros para crianças, alimentação saudável infantil, entre muitas outras temáticas relevantes.

O espaço permanecia aberto durante todo o período do evento. A Sala Fahrion recebeu o Espaço Lúdico em 2007, 2009 e 2010. Em 2008, a modalidade ocorreu no estacionamento em frente ao Salão de Atos. Já em 2011, a realização se deu em um espaço montado entre a Faculdade de Arquitetura e a Rádio da Universidade, no Campus Centro.

"Em 2007 e 2008, recebemos aproximadamente duas mil crianças, vindas das escolas em ônibus fretados. Envolvemos 78 extensionistas, oferecemos atividades culturais, peças teatrais, corais, jogos, brincadeiras, contação de histórias, e mantivemos quatro estandes permanentes. A movimentação das crianças era muito grande. Vinham

turmas inteiras de várias escolas que se inscreviam para participar do Salão”, aponta Sara Viola Rodrigues, pró-reitora de Extensão quando da implantação do Espaço Lúdico.

De fato, em poucos anos o tamanho da modalidade cresceu a ponto de obrigar a organização do Salão a fixar uma escala com os horários de início e fim de cada atividade - a própria Creche da UFRGS chegou a participar. No último ano de realização da modalidade, em 2011, 28 oficinas foram oferecidas. Com tantas opções e um calendário cada vez mais complexo, as escolas realizavam agendamento prévio para participar das atividades.



Márcia Cançado Figueiredo foi extensionista presente no Espaço Lúdico

Experiências gratificantes e enriquecedoras

Os extensionistas que participavam do Espaço Lúdico Infantil lembram com carinho das atividades. “Foi uma experiência muito gratificante para a nossa equipe”, conta Márcia Cançado Figueiredo, professora da Faculdade de Odontologia. “Era um espaço de aprendizagem. As crianças aprendiam, desenvolviam a curiosidade, a autoconfiança, a autonomia”, avalia Márcia.

“As crianças esperavam com grande ansiedade a oportunidade de participarem das atividades na UFRGS”

Noemia Goldraich, extensionista com atuação no Espaço Lúdico

A atividade coordenada pela docente ensinava as crianças visitantes a realizar a higiene bucal brincando. “As crianças podiam viver personagens, criar estratégias e planejar. Algumas crianças eram as escovas de dentes, outras as pastas de dentes, outras os dentes, bochechas, língua... assim nós as ensinávamos agradavelmente a fazer higiene bucal e elas aprendiam felizes”, explica.

Professora da Faculdade de Medicina, Noemia Goldraich desenvolve há anos um trabalho relativo à alimentação saudável para crianças no Núcleo Interdisciplinar de Prevenção de Doenças Crônicas na Infância, ligado ao Departamento de Educação e Desenvolvimento Social da Pró-Reitoria de Extensão. O núcleo foi formado em 2009, período que marca o auge do Espaço Lúdico dentro do Salão de Extensão. Desta forma, participar da modalidade era absolutamente lógico para a extensionista.

BETERRABA, NÃO!

Uma das iniciativas de integração entre as atividades participantes do Espaço Lúdico que funcionava muito bem envolvia os projetos de Noemia Goldraich, voltado à alimentação infantil, e de Sandra de Deus, no qual os alunos realizavam a cobertura do evento em uma rádio-poste mirim. A parceria incluía uma premiação que servia como incentivo para a alimentação adequada da criança: quem experimentasse um alimento saudável com Noemia poderia realizar uma entrevista coordenada por Sandra.

O entrosamento entre os projetos funcionava muito bem. Exceto quando as beterrabas entravam na jogada. “Disseram para uma criança que se ela comesse beterraba poderia fazer o programa de rádio. Eu só pensei, com pena: ‘nem com programa de rádio dá para comer beterraba. Ninguém merece!’”, revela Sandra, avessa ao legume.

“Nossas atividades sempre foram integradas com nossos projetos de extensão e pesquisa. Era um trabalho muito gratificante, pois nos permitia interagir com a comunidade de crianças de diferentes áreas de Porto Alegre. As crianças esperavam com grande ansiedade a oportunidade de participarem das atividades na UFRGS”, conta Noemia.

Outra extensionista que lembra com saudades do Espaço Lúdico é a pró-reitora Sandra Deus. “Sou suspeita para falar, pois sempre participei. Era uma modalidade muito interessante. Temos até hoje na Universidade muitas atividades relacionadas à criança, à infância. Era um espaço importante também porque as escolas vinham nos visitar e

participar das atividades. Mas o Espaço Lúdico ia além, pois reunia muitas ações com essa temática num mesmo espaço”, destaca Sandra, que participou de maneira marcante da modalidade com o projeto Radialistas Mirins.

Com uma trajetória voltada à popularização do conhecimento científico na direção do Planetário entre 2002 e 2017, Maria Helena Steffani também trazia ao Espaço Lúdico atividades que se destacavam entre as crianças. A professora do Instituto de Física já desenvolvia atividades lúdicas desde meados dos anos 90. A participação na modalidade veio como algo natural.

“Crianças curiosas e inteligentes são um recurso nacional e precisam ser estimuladas para desenvolver plenamente suas potencialidades. Preocupada com o aparente declínio, entre o ensino infantil e médio, da curiosidade natural e interesse dos jovens pelo mundo ao seu redor, procurei, durante os salões, montar uma série de experimentos intrigantes”, lembra Maria Helena. “É preciso dar às crianças as ferramentas essenciais para observar o mundo, pensar como ele funciona e despertar, nelas, o prazer de aprender”, argumenta. Entre os experimentos desenvolvidos por Maria Helena no Espaço Lúdico estavam “sentar confortavelmente” em um banco cujo assento era formado por 441 pontas de pregos e a criação de um arco-íris em um pote d’água.

A integração entre os projetos participantes

Um aspecto citado por vários extensionistas que participavam do Espaço Lúdico era a integração entre os projetos que participavam da modalidade.



Atividades do Espaço Lúdico recebiam grande público escolar

Uma das atividades de Extensão que mais tinha esse caráter de relacionamento com os demais era justamente o Radialistas Mirins.

“Vinham turmas inteiras de várias escolas que se inscreviam para participar do Salão”

Sara Viola Rodrigues, pró-reitora de Extensão que implantou o Espaço Lúdico

A atividade coordenada por Sandra de Deus trabalhava ao longo do ano com crianças do Instituto de Educação General Flores da Cunha, uma das mais tradicionais escolas públicas de Porto Alegre, vizinha ao Campus Centro da UFRGS. Uma vez por semana, o projeto ia até o Instituto para desenvolver com os alunos uma rádio-poste, onde as crianças realizavam entrevistas com microfones e caixas de som. Sandra conta que o projeto também

levava os estudantes para conhecer os estúdios da Rádio da Universidade, o que aumentava o encantamento da meninada com o mundo da comunicação. Além de auxiliar na desinibição e na melhora da autoestima das crianças, o Radialistas Mirins também contribuía para qualificar a pronúncia de palavras e até mesmo a alfabetização dos pequenos.

“A experiência foi muito enriquecedora, pois proporcionava às crianças a oportunidade de brincar com microfone, de se aproximar da locução, de ouvir a própria voz. Essa era a ‘porta de entrada’ do projeto: aproximar o público infantil desse meio importante da comunicação”, conta Isabel Waquil, na época estudante de Jornalismo e bolsista do projeto.

No Salão de Extensão, os pequenos locutores faziam uma cobertura ao vivo do Espaço Lúdico,

o que ajudava a promover a integração entre os projetos participantes da modalidade. “Tínhamos uma rádio no Espaço Lúdico, em que as crianças obedeciam a turnos de trabalho, digamos assim”, brinca Sandra, ao explicar como funcionava a atuação de seu projeto no Salão. “Havia uma certa fascinação com o ouvir a própria voz, e por isso aquela experiência e espaço da extensão foi importante para o projeto e para as crianças que por ali passaram”, completa Isabel.

Outro projeto que chamava bastante a atenção das crianças era o de Noemia Goldraich, que realizava medição altura, peso e pressão arterial dos pequenos: “distribuíamos boletins com informações sobre índice de massa corporal, pressão arterial. As crianças eram medidas com batinhas que trazíamos do Hospital de Clínicas, o que já era para elas um acontecimento. Enquanto elas aguardavam a oportunidade para serem avaliadas, conversava-se sobre salgadinhos, bolachas recheadas, sal e açúcar em excesso e as vantagens das frutas na merenda escolar”, conta a docente.

A Faculdade de Educação, claro, também se fazia presente na modalidade. Coordenadora do Programa de Extensão “Quem Quer Brincar?”, Tânia Fortuna conta que a participação no Espaço Lúdico foi um desafio em sua trajetória no Salão e na Extensão: “o objetivo do nosso programa sempre foi ‘formar para brincar e valorizar o brincar’. O foco, portanto, era a formação lúdica de educadores, e não desenvolver atividades diretamente com crianças”, explica. “Mas a animação das crianças impunha um novo ritmo ao evento, que valia por todas as dificuldades”, assegura Tânia.



Uma modalidade que deixou saudades

Assim, a lógica de participação das crianças no Espaço Lúdico se dava quase como num circuito. Após aprender sobre higiene bucal, os pequenos entendiam mais a importância de uma alimentação saudável, se pesavam, brincavam na brinquedoteca, ouviam contações de histórias, aprendiam sobre física e astronomia e davam entrevistas a pequenos jornalistas que realizavam a cobertura do Espaço Lúdico Infantil, entre outras tantas atividades. Como é próprio da infância, momentos de muita alegria e aprendizado, que ainda hoje deixam saudades.

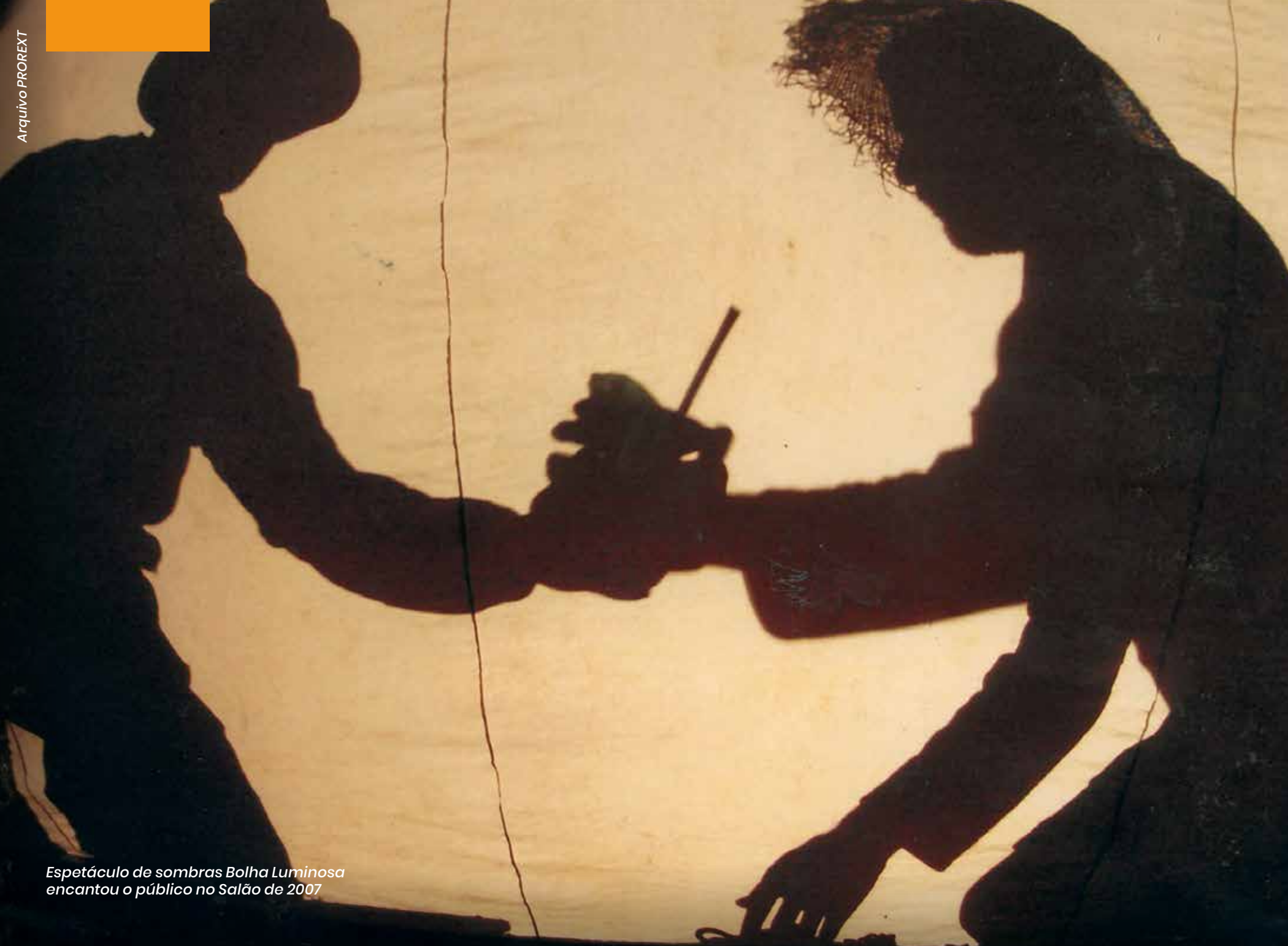
“Não sei dizer ao certo porque o Espaço Lúdico acabou. Há algumas questões, como o fato de que algumas atividades deixaram de existir. O próprio Radialistas Mirins é um exemplo. Quando assumi o cargo na PROEXT, ficou bem mais

difícil tocar o projeto”, reflete Sandra de Deus. A pró-reitora também acredita que a ida do Salão para o Campus do Vale dificultou o transporte das escolas até o evento.

Sandra também entende que o surgimento de outras atividades ligadas à infância acabaram por superar o Espaço Lúdico Infantil. Para Tânia Fortuna, o Espaço Lúdico é a semente que deu origem ao UFRGS Criança, evento que desde 2013 promove atividades voltadas não mais a escolas, mas a filhos de servidores e estudantes da Universidade.

A pró-reitora não descarta, no entanto, um retorno da modalidade em edições futuras do Salão: “essa relação da Universidade com o mundo da infância é muito interessante, e ocorre através da Extensão”, entende Sandra de Deus.





Espectáculo de sombras Bolha Luminosa encantou o público no Salão de 2007



Apresentação do Projeto Big Band – UFRGS encerrou o Salão de Extensão em 2016

OS ESPETÁCULOS QUE EMOCIONARAM O SALÃO

Em seus 20 anos de história, o Salão de Extensão ficou marcado por inúmeras atividades culturais de grande repercussão. Teatro, dança, música e várias outras apresentações artísticas deixaram seu nome registrado para sempre na história do evento.

Os primeiros anos foram marcados por espetáculos de grande porte. Vários fatores colaboraram

para esta procura por atividades impactantes nas edições iniciais do Salão. O primeiro deles é o próprio motivo principal da existência do evento: dar visibilidade à Extensão da UFRGS, tanto interna quanto externamente. Se o Salão era a vitrine extensionista, nada mais natural que os principais espetáculos culturais que a Universidade promovia no ano coincidissem com o período de realização do evento.

“A agenda do ano era o Salão de Extensão, e nós, como Difusão Cultural, também pensávamos nisso”, explica a diretora do DDC e coordenadora da edição inaugural de 1999, Cláudia Boettcher. “Existia uma necessidade de mostrar o que a Universidade realmente fazia, a UFRGS de fato se abria”, considera Fernando Meirelles, pró-reitor de Extensão na terceira, quarta e quinta edições do evento.

As grandes apresentações dos anos iniciais

Meirelles também aponta outro motivo importante que colaborou para que as primeiras edições do Salão de Extensão recebessem tantas atividades culturais de grande porte: “a partir de 2002, apostamos em uma reformulação da parte cultural da



Marlui Miranda teve participação marcante em várias atividades do Salão em 2003

Universidade. Buscamos trazer pessoas com quem pudéssemos também dialogar sobre cultura. Em vez de vários shows pequenos, decidimos apostar em grandes momentos, para que a UFRGS pudesse retomar um pouco do protagonismo cultural na cidade”, explica.

“A grande virada foi se dando aos poucos, mas se configura pelo Salão de Extensão e pelo próprio Unimúsica, que é essa ideia de a Universidade se voltar para os artistas não só locais, mas do Brasil todo”, considera Lígia Petrucci, Produtora

Cultural do DDC, que atualmente coordena o Projeto Unimúsica.

“Buscamos trazer pessoas com quem pudéssemos também dialogar sobre cultura”

Fernando Meirelles, pró-reitor de Extensão entre 2001 e 2004

Lígia cita a importância da renovação proposta em 1993 no Projeto Unicultura, que deu origem ao Unimúsica, pela ex-diretora do DDC, Clarice Aquistapace. A produtora cita um enorme crescimento na área cultural da UFRGS a partir de meados dos anos 90, sem o qual o inegável salto experimentado no começo do século 21 não seria

possível. Ainda assim, ela lembra que o importante é equilibrar, não podendo deixar nunca os artistas locais em segundo plano - o show do gaúcho Yamandú Costa, realizado na abertura do Salão de 2002, foi talvez o momento cultural mais marcante da história do evento (ver mais sobre este espetáculo na página 65).

Além do show de Yamandú, duas apresentações musicais no Salão de Extensão fazem parte da memória de Lígia de maneira marcante. A primeira ocorreu em 2003, com a compositora e pesquisadora da cultura indígena Marlui Miranda, cuja origem étnica remete à cultura Suruí, de Rondônia. Naquele ano, a artista participou do evento em três momentos: o concerto, “lindo”, de acordo com a produtora, um workshop e uma participação em



Apresentação do Grupo Tholl trouxe brilho ao Salão de Extensão em 2007

uma mesa, que para Lígia foi o momento mais impactante de sua passagem pelo evento.

“O tema do Salão aquele ano era ética na extensão, e a Marlui foi convidada justamente em função disso. Ela é uma pesquisadora da música indígena e tem uma atitude muito ética em relação a isso. Vários artistas, quando entram no mercado da música, acabam se desvirtuando. Mas ela, ao contrário, faz parte de uma etnia e assume essa condição. É importante que as pessoas tenham isso como exemplo e referência. Foi um momento muito marcante”, considera.

Na memória de Lígia, outro momento cultural importante ocorrido nos Salões foi o show de José Miguel Wisnik e Arthur Nestrovski no Salão de Atos, em 2005. O espetáculo teve participação especial de Zé Celso Martinez Correa. “Essa foi uma das raras apresentações do Unimúsica que chegaram a receber crítica especializada na imprensa”, destaca Lígia. “Foi muito bom juntar os três no palco. Era uma consagração de forças muito importantes”, completa.

Atrações além da música

Se as grandes apresentações musicais deram a tônica da vida cultural dos primeiros Salões, a partir de 2006 a diversidade de espetáculos começou a dar o tom. Naquele ano, a peça “Tangos e Tragédias”, com Hique Gomez e Nico Nicolaiewsky, recebeu quase 1.300 espectadores - capacidade máxima do Salão de Atos. O espetáculo ficou marcado como um dos maiores momentos da história do Salão de Extensão.

Outra apresentação que fez bastante sucesso ocorreu na edição seguinte: o espetáculo “Tholl,

Imagem e Sonho”, com o Grupo Tholl. Oriundo de Pelotas, o coletivo montou um trabalho de técnicas circenses com uma roupagem moderna e arrojada por meio de uma linguagem teatralizada. A repercussão positiva levou o Tholl a se apresentar outras vezes na UFRGS em espetáculos de final de ano, sempre com lotação garantida no Salão de Atos.

“Foi muito bom juntar os três no palco. Era uma consagração de forças muito importantes”

Lígia Petrucci, sobre o show de José Miguel Wisnik, Arthur Nestrovski e Zé Celso Martinez Correa

O ano de 2007 foi marcado por outra atividade cultural que impressionou: a “Bolha Luminosa”, pelo Clube da Sombra. O espetáculo teatral foi realizado com balão de náilon esférico e inflável, que serve de superfície de projeção para imagens de luz e sombra. A interatividade com o público encantou os presentes e marcou para sempre o momento como um dos mais emocionantes da história do Salão.

Já em 2008, o principal destaque foi a peça “Baile na Curva”, que ocorreu em duas apresentações no Salão de Atos, sempre com grande presença de público. A peça mostra a trajetória de sete crianças vizinhas e tem como pano de fundo o golpe militar de 1964, mesclando um tom leve e divertido com o clima de tensão vivido àquela época.

As atividades culturais após a integração dos salões

Com a integração dos salões, as atividades culturais passaram a ser destaques do Salão UFRGS, e



José Miguel Wisnik em apresentação musical no Salão de Atos, em 2005

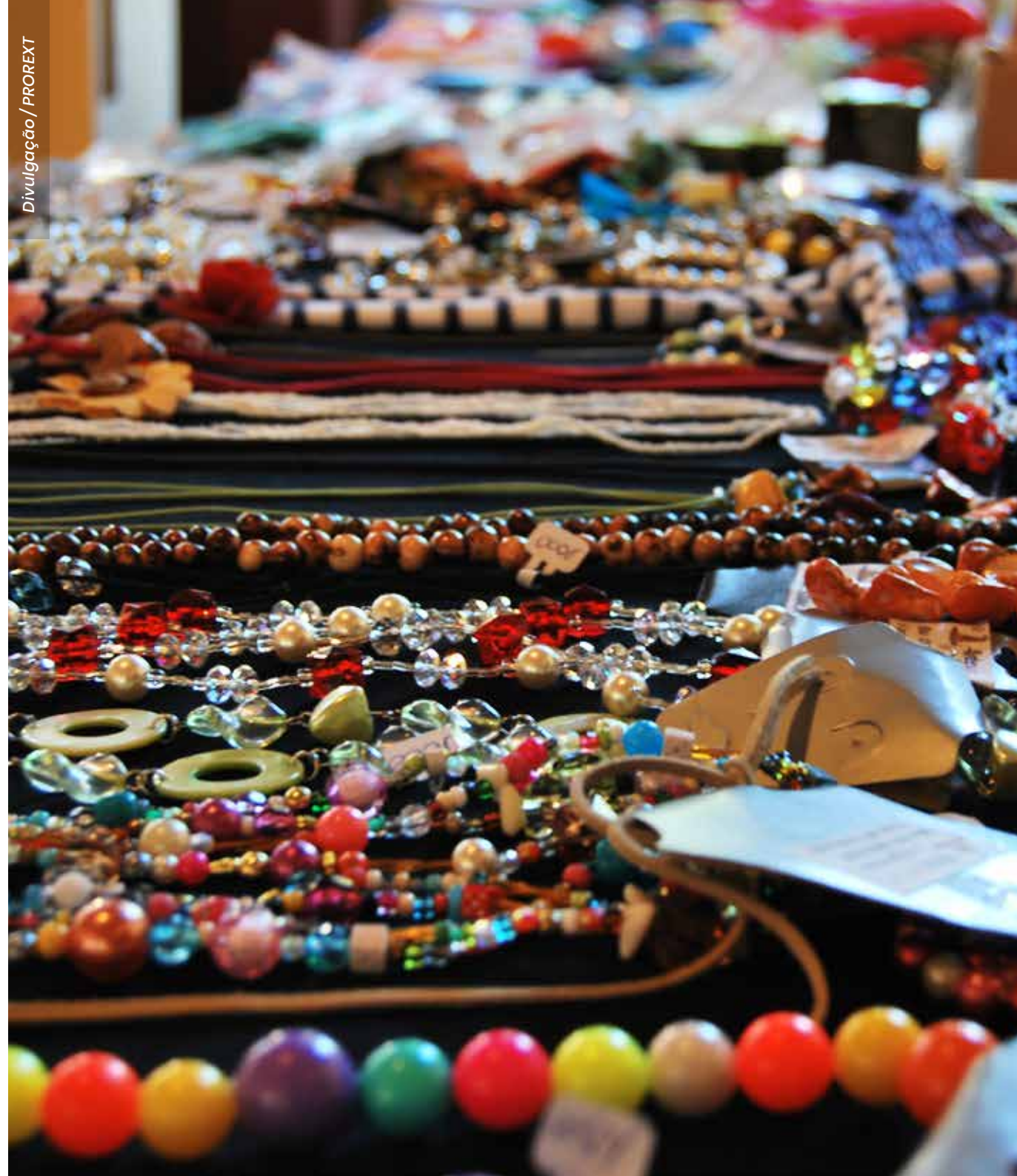
não exclusivamente do de Extensão. A programação seguiu sendo realizada pelo Departamento de Difusão Cultural e marcou a retomada da aposta em artistas locais ou de projetos de Extensão e cultura da própria Universidade. Em 2010, ocorreu uma antecipação involuntária destes dois rumos: antes mesmo da mudança de local e da própria constituição do Salão UFRGS, o Campus do Vale recebeu durante o Salão de Extensão um show da Banda Cardinales no Projeto Vale Doze e Trinta, que reunia bandas de estudantes da UFRGS para apresentações ao ar livre no local.

Anos mais tarde, várias atividades seguiram por este caminho. Em 2016, por exemplo, o Coletivo de Música Popular (Instituto de Artes) e o espetáculo “Batalha do Vale” (esta uma apresentação de hip hop) foram algumas das principais atrações artísticas do evento. O encerramento do Salão contou com o Projeto Big Band UFRGS, que fez história reunindo o Ballet da UFRGS, o Coral da UFRGS, o Grupo TCHE-UFRGS e os Brincantes do Paralelo 30.

Ainda assim, vale destacar que apresentações culturais oriundas de trabalhos da Universidade sempre foram presentes no Salão de Extensão. Em 2000, a banda de rock progressivo Apocalypse, integrada pelo professor do Instituto de Artes Eloy Fritsch, se apresentou no Salão de Atos para um público de 300 espectadores - o grupo se apresentaria também na edição de 2009.

Atrações externas, porém, seguem fazendo parte do roteiro. Em 2017, o Salão foi aberto com um show do compositor gaúcho Tonho Crocco, que trouxe o espetáculo Tributo a Tim Maia no Palco Grego do Campus do Vale - local que passou a receber espetáculos culturais com frequência nos últimos anos. Outra atração daquele ano foi a Orquestra Eintracht, de Campo Bom, no fechamento do evento.

Para 2019, a Orquestra de Instrumentos Autóctones e Novas Tecnologias da Universidad Tres de Febrero (Argentina) é atração internacional na comemoração dos 20 anos do evento. Uma apresentação que promete marcar para sempre o Salão, como tantas outras nas últimas duas décadas.



A NOITE EM QUE YAMANDÚ TOCOU PARA DOIS SALÕES DE ATOS

Conhecido por abrigar grandes públicos em shows e formaturas da UFRGS, o Salão de Atos ficou pequeno na noite de 17 de março de 2002. Considerado uma das maiores revelações da música brasileira do começo do século 21, o violonista Yamandú Costa, então com apenas 20 anos de idade, atraiu quase 3 mil pessoas ao Campus Centro na abertura do 3º Salão de Extensão.

O espetáculo tem um pano de fundo político importante. Em 2001, a Universidade enfrentou uma longa greve dos docentes, que foi de julho a novembro. Com a imagem arranhada perante a sociedade, a reitora Wrana Panizzi teve como ideia fazer do Salão de Extensão uma recepção especial aos calouros, para quebrar o clima pesado. O show de Yamandú, que recém havia ganhado o Prêmio

Yamandú Costa foi a grande atração cultural da terceira edição do Salão de Extensão

Visa (competição nacional de prestígio que promovia jovens talentos da música brasileira, vigente entre 1998 e 2006) de melhor instrumentista, era o principal chamariz para os novos estudantes.

“Mandamos correspondência a eles dizendo que poderiam trazer seus familiares”, lembra o pró-reitor de Extensão da época, Fernando Meirelles. “Abrimos os portões e todo mundo entrou. Lotou, mas não ficou ninguém na rua. Minutos depois, quando o show ia começar, a Claudia (Boettcher, diretora do Departamento de Difusão Cultural) me chamou dizendo que havia uma multidão lá fora”, conta.

A solução encontrada foi ao mesmo tempo inusitada e simples: fazer dois shows na mesma noite.

“Fui até o Yamandú e perguntei se ele poderia tocar para uma segunda plateia. Ele é uma figura excepcional e disse ‘claro que faço’. Então, eu e a Claudia saímos na fila e explicávamos que estava lotado, mas que se elas esperassem um pouquinho ele faria uma segunda apresentação. Desde a reabertura do Salão de Atos, foi um dos maiores públicos já recebidos”, revela o pró-reitor.

A situação repercutiu na imprensa. De acordo com o jornal Zero Hora do dia 19 de março, “um show foi pouco para o virtuosismo de Yamandú e para a admiração de seu público”. O show “histórico”, de

acordo com o periódico, deixou “o público em transe, mergulhando nas infinitas possibilidades do instrumento”. A noite foi completa com um dueto de Yamandú com o violonista Lúcio Yanel, seu mestre, finalizando uma jornada que entrou para a história da cultura da Universidade e de Porto Alegre.

“A ideia de trazê-lo foi minha” revela a Produtora Cultural do Departamento de Difusão Cultural, Lígia Petrucci. “Seria a primeira apresentação dele após aquela consagração, e tinha tudo a ver com o tema daquele Salão, pois ele era um músico que tinha identidade regional e estava

na época expandido suas fronteiras para além do Rio Grande do Sul”, explica Lígia. O tema do Salão daquele ano foi identidade e Diversidade.

“O Yamandú estava despontando naquela época”, lembra Francisco Marshall, diretor do Museu à época. O curioso é que o próprio músico não esperava tamanho sucesso de público: “lembro de ele me perguntar: ‘será que eu consigo lotar o Salão de Atos? Prata da casa não faz milagre’”, conta Cláudia.

Imagina se fizesse...



Salão de Atos lotado esperando uma das apresentações de Yamandú na histórica noite de 17/03/2002

Guilherme Imhoff / Núcleo de Fotografia UFRGS



Apresentação musical de Tonho Crocco no Palco Grego do Campus do Vale em 2017



Conferencista no Salão em 2013, Oscar Jara recebeu título de Doutor Honoris Causa da UFRGS em 2018

UM ESPAÇO ABERTO PARA O DEBATE E A REFLEXÃO

Como bom evento extensionista, o Salão de Extensão sempre trouxe para debate temáticas conectadas com a realidade não apenas da Universidade, mas também da sociedade. O tema “Universidade e Sociedade”, por sinal, foi o que marcou a edição inaugural do evento, realizada em 1999.

Manter uma ligação com a atualidade sempre foi uma preocupação do Salão, para tornar as discussões travadas em suas diversas modalidades ainda mais interessantes e instigantes. “Cada momento

no seu tempo. Eu posso pensar, por um lado, que os temas de determinados salões eram fundamentais, extremamente importantes e continuam atuais ainda hoje, mesmo cinco, oito ou dez anos atrás, ou que conferencistas de dez anos atrás continuam sendo relevantes hoje, no momento em que a gente vive. Mas posso pensar também que a própria sociedade exigia tratar daquele tema e hoje não exige mais, pois o tema já foi tratado. Depende do olhar que a gente quer ter do papel da Universidade e da Extensão”, analisa a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus.

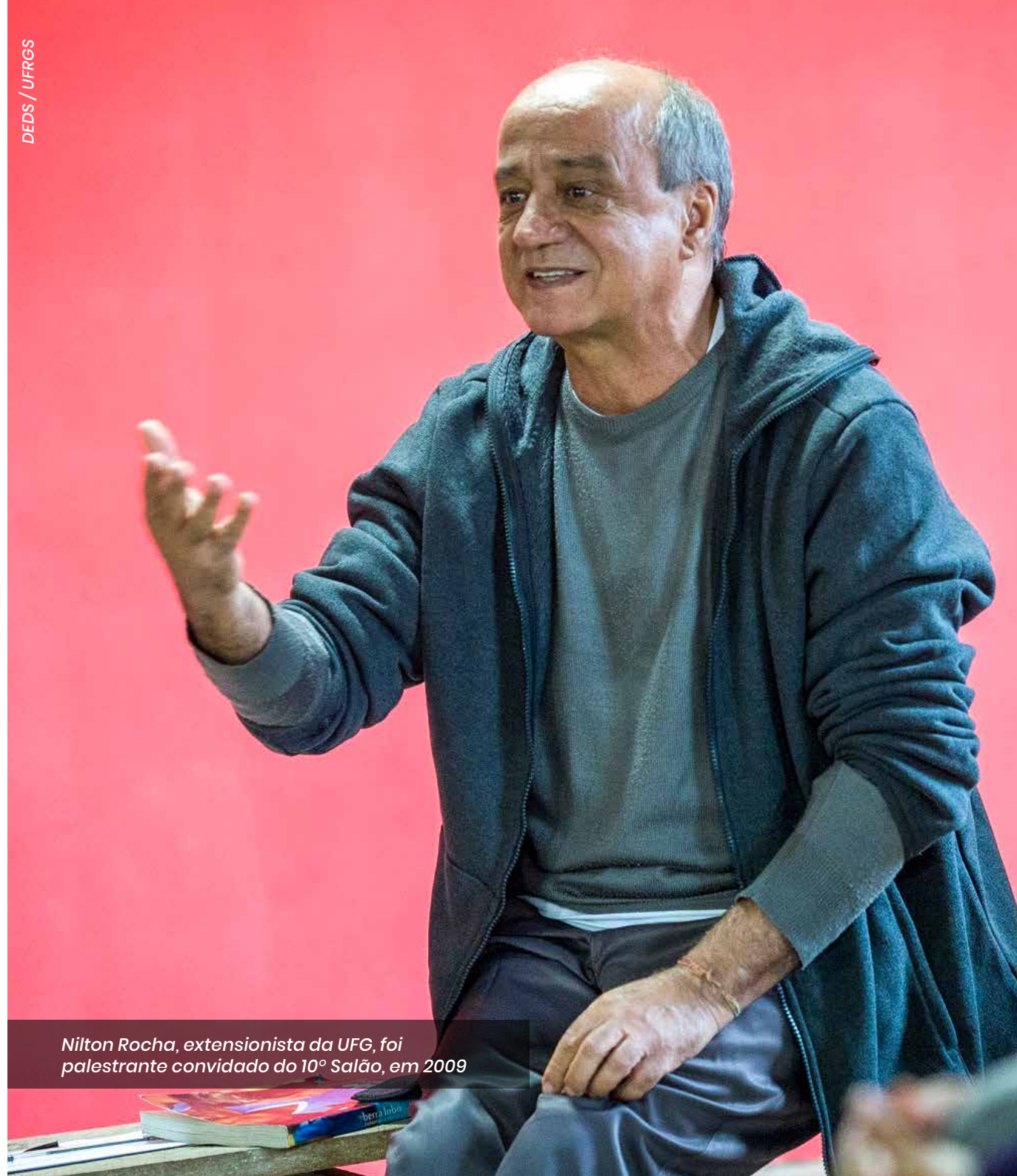
Exemplos não faltam desta atemporalidade de algumas discussões propostas. Em 2002, a terceira edição do Salão trouxe o tema “Identidade e Diversidade”, o qual ainda hoje soa como atual e de importantes reflexões. Um dos principais momentos daquele Salão foi a conferência com Gilberto Velho, professor que atuava no Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Velho abordou a complexidade sociocultural do mundo moderno, na qual os indivíduos desempenham papéis múltiplos. Valorizar as diferenças e estabelecer um convívio social livre de preconceitos foram alguns dos temas trabalhados. “Foi uma palestra monstruosa. Lotou completamente a Sala 2 do Salão de Atos”, recorda Fernando Meirelles, pró-reitor de Extensão na oportunidade.

Outro tema que gerou discussões foi o do Salão de 2003, sobre “Ética e Extensão na Universidade Pública”. O assunto foi trazido a debate a pedido do próprio pró-reitor: “insisti muito para que falássemos disso. Era em relação ao problema de uma extensão mal feita, na qual a Universidade muitas vezes chega à comunidade e traz ideias que não se sustentam”, explica Meirelles. “Devemos ter cuidado com relação ao limite de nossa atuação, os limites do conceito de extensão, o limite da atuação dos estudantes. Muitas vezes somos vistos como aqueles que sabem, mas por outro lado não enxergamos o saber popular”, complementa.

Após os marcos iniciais, vários temas que geravam ampla discussão em termos nacionais e até internacionais fizeram parte da agenda do Salão. Cultura (2005), interdisciplinaridade (2006), e a relação com ensino e pesquisa (2004, 2008 e 2010) foram alguns deles. “O 8º Salão foi pioneiro da discussão sobre sustentabilidade em nossa comunidade”, aponta a então pró-reitora de Extensão, Sara Viola Rodrigues, sobre a edição de 2007. A partir de 2011, com a integração dos salões, o tema do Salão UFRGS passou a ser comum a todos os eventos.

Nas próximas páginas, trazemos algumas das principais discussões trazidas por conferencistas que marcaram seu nome na história do Salão de Extensão. Para mais informações sobre as temáticas de cada edição do evento, confira a Linha do Tempo da página central desta publicação.

Nilton Rocha, extensionista da UFG, foi palestrante convidado do 10º Salão, em 2009



José Jorge Carvalho, da UnB, introduziu a discussão sobre cotas na UFRGS por meio de conferência no Salão de Extensão

AS DISCUSSÕES SOBRE COTAS COMEÇARAM NO SALÃO

A UFRGS aprovou a implantação do sistema de cotas raciais e sociais para seus alunos ingressantes em julho de 2007. O vestibular de 2008 foi o primeiro a reservar vagas para negros, indígenas e estudantes vindos de escolas públicas, mas a discussão em torno do tema começou a tomar forma bem antes - em 2005, movimentos sociais

já se articulavam dentro da Universidade para fomentar a discussões. O que poucos lembram é que esta temática foi abordada pela primeira vez dentro de um Salão de Extensão.

“A primeira vez que se falou em cotas nessa Universidade foi no Salão de 2004, em palestra do José Jorge de Carvalho, professor da Universidade de Brasília”, lembra Fernando Meirelles, pró-reitor de Extensão da época. O tema da palestra de

Carvalho tangenciava o assunto: “A Prática da Extensão como uma Ampliação dos Saberes Não-Ocidentais na Universidade” era o título. Mas o clima acolhedor ao debate, segundo o palestrante, facilitou a colocação de argumentos a favor e contra as cotas sem excessos de polarização.

“Considero que a recepção àquela palestra foi muito positiva, a julgar inclusive pela longa lista de pessoas que se pronunciaram, entusiasmadas, durante o debate”, lembra Carvalho. O encontro ocorreu na Sala 2 do Salão de Atos, no dia 18 de maio daquele ano. Dois meses depois, durante o Fórum Mundial da Educação, ocorrido em Porto Alegre, o professor da UnB falou mais abertamente sobre os benefícios das cotas no combate ao racismo acadêmico. A então reitora Wrana Panizzi, presente ao debate, reiterou a disposição da UFRGS em discutir o sistema de cotas, naquele que foi o primeiro pronunciamento oficial de um dirigente da Universidade sobre o assunto.

O convite de Meirelles para que Carvalho discutisse o tema dentro da UFRGS se deu muito em função do pioneirismo da UnB, que em 2003 foi a primeira instituição federal de ensino superior do país a aprovar as cotas. Se o tema ainda desperta uma série de polêmicas hoje, naquela época a situação era ainda mais controversa: “se uma federal aprovou cotas para negros e indígenas, cada uma das demais teria então que decidir se seguiria ou não o rumo que adotamos em Brasília. E, naquele momento, a reação contra as cotas era muito forte entre os professores, inclusive entre os que se viam como progressistas pois, para muitos deles, a necessidade de cotas parecia decretar a



Dez anos depois, José Jorge volta ao Salão para o Encontro de Extensão, em 2014

falência da proposta de universalização do ensino público”, recorda o palestrante.

Passados 15 anos daquela palestra, José Jorge de Carvalho não nega o orgulho de ter iniciado o debate sobre cotas na UFRGS: “admito o inegável pioneirismo daquele debate e acredito que ele aponta para um espírito de época: um modelo de universidade segregada étnica e racialmente que vigia na UFRGS até 2004 (como vigia também na UnB, em 1999, quando iniciamos a campanha das cotas), foi questionado através de uma iniciativa da sua própria administração, e uma cunha foi aberta naquela porta historicamente trancada para os negros e os indígenas”, salienta.

“Sempre coube à extensão levantar alguns temas na Universidade. Essa também é uma função do Salão de Extensão, do percurso que ele vem fazendo nesses 20 anos: levantar temas que são muito importantes para a Universidade e às vezes não estavam na pauta da Universidade no dia-dia, e que a partir do Salão de Extensão passam a ser temas fundamentais. O evento aponta alguns rumos a serem seguidos”, destaca a pró-reitora de Extensão, Sandra de Deus.

“Uma cunha foi aberta naquela porta historicamente trancada para os negros e os indígenas”

José Jorge de Carvalho, palestrante do Salão de Extensão em 2004 e 2014

A parceria de José Jorge de Carvalho com a UFRGS se estendeu para além do Salão de 2004. Em 2011, foi convidado pela pró-reitora Sandra de Deus a discutir o tema cotas na 5ª edição do Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, sediado pela Universidade. Em 2014, voltou ao Salão uma década depois do debate pioneiro e foi o convidado do Encontro de Extensão. Carvalho realizou uma série de trabalhos conjuntos com docentes da Universidade ao longo do período, incluindo palestras, lançamentos de livros, formação de disciplinas, entre outras atividades ligadas às cotas: “a maior dádiva, para mim, daquela ida ao Salão foi a oportunidade de construir uma longa e contínua relação de colaboração e amizade com a comunidade da UFRGS, que sempre me recebeu, durante todos esses anos, com muito carinho e fazendo-me sentir em casa”, salienta Carvalho.



Gisele Endres

Ativista do Movimento Negro, Kiusam Oliveira deu prosseguimento à discussão sobre cotas no Salão em 2016



Guilherme Imhoff / Núcleo de Fotografia UFRGS

Discussão sobre interdisciplinaridade proposta por Janine foi uma das inovações do Salão em 2002

RENATO JANINE RIBEIRO E O DEBATE SOBRE INTERDISCIPLINARIDADE

Organizado como recepção aos calouros de 2002, o 3º Salão de Extensão foi um dos mais ricos em termos de novidades de formato, atividades culturais pulsantes e discussões relevantes. Uma delas foi trazida pelo professor da Universidade de São Paulo, Renato Janine Ribeiro: a importância da interdisciplinaridade na formação dos estudantes.

A visão trazida por Janine vai ao encontro do pensamento de Luiz Fernando Coelho de Souza, que via na interdisciplinaridade e na integração com ensino e pesquisa um aspecto fundamental da extensão universitária brasileira. “Essa visão metodológica proposta pelo Professor Coelho é de vanguarda por quebrar o paradigma da extensão como mera oferta, que vigia na Universidade”, aponta Francisco

Marshall, ex-diretor do Museu, que trabalhou com Coelho na organização da edição inaugural do Salão de Extensão.

Em 2002, Janine trouxe à UFRGS uma proposta de curso interdisciplinar de graduação em Humanidades, que fora proposto pelo próprio docente poucos anos antes. A ideia era ousada: permitir que os profissionais formados pudessem realizar pesquisas acadêmicas estando desde a graduação familiarizados com a diversidade de linguagens das ciências humanas.

“(O curso) faria as pessoas, em uma hipótese mais simples, aprender a lidar com temas diferentes utilizando instrumentais diferentes, linguagens diferentes, formas políticas de ver o mundo diferentes. Isso, na hipótese mais modesta, seria um ganho fantástico. Seria algo como você não usar, por exemplo, a economia para tratar de problemas sociais, porque não dá certo. Por outro lado aprender, também, a utilizar justamente as linguagens diferentes para entender coisas diferentes e para cruzá-las. Esse era o ponto principal: como você muda o ensino e aprendizado”, explica Janine.

O curso de Humanidades acabou não sendo aprovado pela USP, mas a discussão sobre a interdisciplinaridade fascinou o público, que lotou a Sala 2 do Salão de Atos. Em uma época de afirmação da extensão como parte fundamental do tripé acadêmico, o debate trouxe à tona esta relevância: “minha participação foi muito mais para tratar de como você muda não apenas a extensão, mas todo o sistema de ensino”, lembra o palestrante, que viria a ser Ministro da Educação em 2015.



Ex-reitor da UnB, José Geraldo de Souza, no Encontro de Extensão de 2015

O DIREITO ACHADO NA RUA

No ano de 2015, o Salão de Extensão ficou marcado pela participação do ex-reitor da Universidade de Brasília, José Geraldo de Souza, no Encontro de Extensão. Na ocasião, o docente falou sobre o histórico projeto Direito Achado na Rua, criado em 1986 por ele e por Alexandre Bernardino Costa, após a morte do jurista Roberto Lyra Filho, cujas ideias inspiraram a ação.

Souza explica que o Direito Achado na Rua é um projeto de extensão que dialoga com o ensino e a pesquisa. “Ele nasce na extensão como um sistema de capacitação de assessorias jurídicas populares, para que emergam no social com capacidade instituinte de direitos, legitimamente instaladas no espaço de cidadania”, explica o professor. O trabalho realizado busca, de diversas formas, novas

percepções sobre o Direito a partir do protagonismo dos movimentos sociais por meio da valorização dos direitos humanos, área de interesse direta de Roberto Lyra Filho.

O programa, de fato, não se limita à extensão: também é oferecido na UnB como disciplina do Programa de Pós-Graduação em Direito e em Direitos e Cidadania - este último um programa interdisciplinar da instituição, e também como disciplina de graduação: “o Direito Achado na Rua inova curricularmente, a partir do diálogo entre teoria e prática e da intercomunicação entre universidade e sociedade, formando um entreposto daquilo que Boaventura de Sousa Santos tem chamado de universidade popular dos movimentos sociais, cujo núcleo ativo é justamente a extensão universitária”, aponta Souza.

O palestrante não apenas proferiu uma fala no Encontro de Extensão de 2015 como também acompanhou de perto várias atividades daquele Salão. E saiu de Porto Alegre impressionado: “o evento galvanizou todos os espaços e todas as formas mobilizadas de protagonismo da universidade nos vários planos que a Extensão cobre, a partir de programas e ações que fazem parte do acervo de realizações do sistema universitário de extensão. Eu próprio ali testemunhei circulando em todos os salões a força imaginativa, criativa das várias iniciativas nesses campus e a representação do papel que a UFRGS cumpre no sistema nacional de extensão universitária”, elogia.



Divulgação / PROEXT



Salão 20 anos:
passado, presente
e futuro

Universidade promoveu um seminário de extensão reunindo docentes de todas as unidades acadêmicas para debater sobre a atividade extensionista. Dar o salto adiante era questão de pouco tempo. “A institucionalização veio de fato na gestão da Ana Maria Guimarães e da Ana Mariza Filipouski, a pró-reitora e a vice (1992-1996). A extensão veio a reboque na Universidade porque as outras pró-reitorias são mais antigas, tinham mais estrutura, já possuíam toda uma lógica”, analisa Meirelles.

Salão ajudou a trazer visibilidade e reconhecimento para a Extensão da UFRGS

UMA HISTÓRIA DE TRANSFORMAÇÕES E SUPERAÇÃO DE DESAFIOS

“O que existia de extensão quando eu fui aluno, até 1984, era coisa promovida por diretório acadêmico. Não existia uma pró-reitoria, uma situação articulada. Extensão era ‘olha, vai ter uma atividade de formação fora do currículo’, não tinha nada a ver com nada”.

O trecho acima, dito pelo ex-pró-reitor Fernando Meirelles, é bem representativo de como era a

visão que se tinha da extensão universitária brasileira até o final dos anos 80. Foi a partir do I Encontro Nacional do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), realizado em Brasília, em 1987, que a atividade extensionista começou a de fato se institucionalizar.

Na década seguinte, a UFRGS começou a efetivamente se preocupar com o assunto. Em 1990, a

A gestão de meados dos anos 90 realizou a Mostra de Extensão de 1995 como um ensaio para o que viria a ser o Salão anos depois. A chegada de Luiz Fernando Coelho de Souza à PROEXT (1996-2001), pró-reitor muito articulado junto ao FORPROEX, era o salto que faltava para a Extensão despontar de vez, tendo no Salão sua maior vitrine. O cenário promissor a partir do panorama de crescimento que vivia a Extensão no final daquela década auxiliava a superação do primeiro desafio pelo novo evento: reunir e dar visibilidade à então pouco reconhecida e em certa medida quase invisível Extensão da UFRGS.

A contribuição do Salão para a evolução da Extensão

O novo evento não apenas aconteceu como funcionou perfeitamente no seu propósito inicial, que era mostrar à comunidade o que era a Extensão. Nestes 20 anos, a trajetória do Salão levou a Extensão da Universidade a um patamar

de destaque no cenário nacional. O trabalho dos extensionistas passou a ficar conhecido não apenas dentro da UFRGS ou da comunidade gaúcha, mas nacionalmente. O primeiro desafio já havia sido superado com sobras.

“A integração com os demais salões foi um passo decisivo para o seu amadurecimento acadêmico”

Luiz Fernando Krueel, ex-presidente da Câmara de Extensão

“A UFRGS é uma das melhores universidades brasileiras, faz um bom trabalho nessa direção”, reconhece o ex-ministro da Educação, Renato Janine Ribeiro e um dos palestrantes do Salão de Extensão na edição de 2002. O modelo proposto em 1999 e o sucesso daquela edição do Salão levaram outras universidades a adotarem formato parecido em seus eventos extensionistas - isso sem citar o fato de que o primeiro Salão foi pioneiro no uso das oito áreas temáticas da extensão propostas pelo FORPROEX no começo daquele ano.

O formato inovador não impediu que o evento se transformasse ao longo destas duas décadas: “ele evoluiu de forma significativa, tanto na participação quanto em sua forma, que é distinta dos demais salões”, aponta o presidente da Câmara de Extensão, João César Netto, fazendo menção às Tertúlias, novidade implantada em 2012 - e igualmente inspiradora a outros eventos Brasil a fora.

A transformação não ocorreu apenas em relação ao formato do evento, mas à própria Extensão



Cláudia Arstimunha considera o Salão de Extensão o momento mais aberto à comunidade do Salão UFRGS

da UFRGS. “Vimos de 1999 para cá uma grande evolução da relação da Universidade com a sociedade”, avalia a pró-reitora Sandra de Deus. Ainda assim, ela prefere não fazer comparações entre os primeiros Salões e os atuais. “Há muitos fatores envolvidos, há diferença no contexto histórico, político e social do país. A Universidade de 1999 tinha um número muito reduzido de negros, indígenas e pobres, a de 2019 é bem diferente. E isso se reflete na extensão universitária”, completa.

Ex-presidente da CAMEX e participante desde a edição inicial, Tânia Fortuna destaca que a criação do Salão UFRGS, ocorrida em 2011, foi um momento importantíssimo para o desenvolvimento do

evento: “o Salão evoluiu muito nesses 20 anos de existência. A integração com os demais salões foi um passo decisivo para o seu amadurecimento acadêmico, logrando visibilidade equivalente na agenda institucional”, aponta, em opinião que coincide com a do também ex-presidente da CAMEX, Luiz Fernando Krueel, para quem a integração tornou todos os Salões melhores (ver reportagem Por Onde Andou o Salão nestes 20 Anos, na página 21 desta publicação).

Dar visibilidade ao trabalho dos extensionistas, aliás, segue sendo um dos pilares do Salão. Na reportagem Um Salão com Brilho no Olho, na página 9, os organizadores da edição de 1999, Luiz Fernando Coelho de Souza, Cláudia Boettcher e Francisco Marshall, deixam claro que o propósito de criação do evento era justamente mostrar à Universidade e à sociedade o que era a extensão da UFRGS, sua importância acadêmica e o que ela desenvolvia. Embora o tenha evoluído e tomado um caráter mais reflexivo a partir de sua quarta edição (2003), o Salão de Extensão segue sendo até hoje o momento de mostrar à comunidade tudo o que os extensionistas produzem de melhor.

O encontro anual que se repete há duas décadas já criou, inclusive, uma cultura de integração entre quem faz a Extensão da Universidade. “O Salão é sempre esperado com muito entusiasmo pelos bolsistas, pela oportunidade de troca de saberes, mas também pelos professores e técnicos pela oportunidade de confraternização, de conhecimento de outros projetos, troca de experiências, premissa de parcerias. É a festa anual da Extensão”, ressalta Noemia Goldraich, professora

da Faculdade de Medicina e participante do evento desde 1999.

Professora da Faculdade de Odontologia, Márcia Cançado Figueiredo tem opinião parecida com a de Noemia: “o que sinto é que nestes 20 anos se criou uma família extensionista. Os docentes fazem extensão por convicção, e um salão é um momento de festa, de compartilhar os trabalhos, instigando uns e outros a realizarem parcerias. Os salões para mim são lindos, leves, organizados, com debates enriquecedores e descontraídos”, elogia a docente.

“A parte mais legal e animada do Salão UFRGS é a Extensão”, opina a vice-pró-reitora Cláudia Aristimunha, indo na mesma direção. “É onde temos mais participação da comunidade externa. Enquanto temos espaços às vezes muito fechados e voltados para si mesmos, o Salão de Extensão é completamente diferente, pois nele se estabelecem trocas - não só para a comunidade externa, mas para dentro da própria Universidade. A gente vê sempre colegas de outros setores da administração da UFRGS circulando pela Mostra de Extensão. É um momento de convivência da Universidade, mas que também mostra a seriedade e profundidade da Extensão e a importância dela no crescimento dos alunos e da própria Universidade”, avalia.

Tânia Fortuna concorda que o Salão ajudou no seu crescimento profissional: “seguramente sou uma extensionista melhor graças ao Salão de Extensão. Cresci como professora da UFRGS, na medida em que o evento me deu a oportunidade

OS AVALIADORES EXTERNOS DO SALÃO DE EXTENSÃO

Desde 2015 (à exceção do ano seguinte), o Salão de Extensão tem contado com a participação de avaliadores externos. A função dos observadores é acompanhar todas as modalidades do evento, participar de palestras e mesas de debates e realizar uma avaliação, no final das atividades, junto à PROEXT, sugerindo rumos que o evento possa adotar para os anos seguintes. A cada ano, são três professores convidados - normalmente dois de outros países da América Latina e um de outra universidade brasileira.

“É muito importante compartilharmos o nosso fazer com colegas da América Latina e do Caribe”, analisa a pró-reitora Sandra de Deus, responsável pela iniciativa. “Cada Salão tem a sua importância para aquele momento e pela contribuição que esses olhares trazem. E trouxemos discussões muito belas. Já tivemos a presença aqui de lideranças do pensamento da extensão, como Oscar Jara e Humberto Tommasino”, lembra Sandra.

de conhecer mais e melhor a Universidade, por meio de suas diferentes atividades de Extensão”, relata a docente, que cita o preparo das apresentações e a participação como avaliadora dos trabalhos como alguns dos momentos em que a troca de saberes aguçou sua compreensão da extensão universitária.

A opinião de Tânia coincide com a de Gema Conte Piccinini, extensionista da Escola de Enfermagem presente desde as edições iniciais: “o Salão certamente foi decisivo para fortalecer minha crença na importância da Extensão associada ao Ensino e à Pesquisa na formação dos alunos. O Salão mostra o aluno e sua intenção cidadã, compartilhando seus conhecimentos e aprendizados com a comunidade”, considera a professora, aposentada recentemente.

O futuro do Salão (e da Extensão)

Sendo a Extensão a principal ponte entre a universidade e a sociedade, seu papel em momentos de questionamentos às instituições públicas de ensino superior cresce em importância. “O termo agregador do presente é ‘resistir’, e o significante mestre da atual mobilização em defesa das universidades é ‘ensino público’”, analisa José Jorge de Carvalho, professor da Universidade de Brasília e palestrante do Salão de Extensão em 2004.

A pró-reitora Sandra de Deus concorda que o momento de dificuldade pelo qual passam as universidades aumenta a relevância do papel desempenhado pela Extensão. “A Universidade tem uma relação profunda, onde ela se abastece dos diferentes movimentos que são realizados fora dela. A Extensão universitária continua sendo



Dora Assumpção

vital num momento de crise. Eu acredito que ela é a garantia de que a Universidade é importante, porque consegue mostrar a quem não vê o quanto ela tem um papel necessário junto aos demais setores da sociedade”, avalia.

O protagonismo da Extensão é uma possível tendência para os próximos anos, mas o evento poderá sofrer alterações nas edições vindouras. A curricularização da Extensão na graduação, por exemplo, pode aproximar a Extensão do Ensino. É o que acredita o presidente da CAMEX: “a partir das ações que a Universidade fará na trilha da integralização curricular da Extensão, teremos um Salão cada vez maior”, projeta João César Netto.

“Gosto muito da ideia de que a Extensão representa o ensinar a aprender e o aprender a ensinar”

Sandra de Deus, pró-reitora de Extensão

Em 2014, o Plano Nacional da Educação determinou que até 2023 as atividades de extensão devem totalizar ao menos 10% da carga horária dos currículos de graduação. “Em um futuro próximo, teremos mais estudantes envolvidos nos projetos. É preciso que tenhamos o cuidado de não compartimentar os relatos, pois uma das características fundamentais do Salão é o compartilhamento de experiências com os demais interessados em uma determinada temática”, completa Netto.

Sandra concorda que o Salão ficará ainda maior com a medida. “A tendência é que tenhamos cada vez mais atividades participando do Salão, e que

cada vez mais os debates da Extensão façam eco dentro da Universidade e fora dela”, entende a pró-reitora. “Não existe atividade de extensão sem pensarmos que ela trata de uma relação entre Universidade e sociedade. Com a curricularização, é possível que o Salão tenha também este tipo de debate, vindo muito mais inserido com o Ensino. Talvez o Salão precise ter no futuro alguma modalidade que venha projetar esse eco, onde Ensino e Extensão caminhem juntos”, afirma.

As mudanças que devem vir pela frente, seja com relação à importância que a Extensão carregará em anos de questionamento do papel da Universidade, com relação ao tamanho e até formato do Salão por conta das novas regras de curricularização, fazem parte do processo histórico do evento.

“Nós continuamos tendo que evoluir. As pessoas precisam ter clareza de que a Universidade presta um serviço. Mas a Extensão vai além disso. Ela produz conhecimento tanto quanto a Pesquisa e reabastece o Ensino com os saberes que os estudantes, técnicos e professores recolhem em suas relações diárias com outros segmentos da sociedade”, reflete Sandra de Deus. “Gosto muito da ideia de que a Extensão representa o ensinar a aprender e o aprender a ensinar”, aponta a pró-reitora.

Ex-presidente da CAMEX, Tânia Fortuna diz que cresceu como professora da UFRGS graças ao Salão de Extensão



Divulgação / PROEXT







UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

REITOR

Rui Vicente Oppermann

VICE-REITORA

Jane Fraga Tutikian

PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO

Sandra de Deus

VICE-PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO E DIRETORA DO MUSEU DA UFRGS

Cláudia Porcellis Aristimunha

DIRETORA DO DEPARTAMENTO ADMINISTRATIVO E DE REGISTRO DA EXTENSÃO

Simone da Costa Saldanha

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL E DO CENTRO CULTURAL DA UFRGS

Cláudia Mara Escovar Alfaro Boettcher

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Patrícia Helena Xavier dos Santos

DIRETORA DO PLANETÁRIO PROF. JOSÉ BAPTISTA PEREIRA

Daniela Borges Pavani

DIRETOR DO SALÃO DE ATOS

José Francisco Machado da Rosa

DIRETOR DA PONTO UFRGS

Eduardo Cardoso



NÚCLEO DE DIVULGAÇÃO

Projeto, entrevistas, redação e edição

Vicente Fonseca

Capa, projeto gráfico e diagramação

Pedro Silveira

Pesquisa

Marcos Almeida Pfeifer
Vicente Fonseca

Revisão

Carla Bastos dos Santos
Vicente Fonseca

Seleção de imagens

Jean Felipe Rossato
Marcos Almeida Pfeifer
Simone Saldanha
Vicente Fonseca

Acompanhamento gráfico

Paulo Baldo

Transcrições

Mariana Guazzelli
Vitória Fagundes
Vicente Fonseca

Fontes consultadas

Arquivo PROEXT
Livro "A Extensão nos Salões"
Livro "Salões de Extensão: uma proposta institucional"
Relatórios e sites oficiais das 20 edições do Salão de Extensão
Revista "Utopia e Ação" - novembro de 1996

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Gráfica da UFRGS

Fotos das páginas 82 a 85 e Capa

Arquivo PROEXT, Bibiana Nilsson, Divulgação / PROEXT, Elias Santos,
Gisele Endres, Guilherme Imhoff / Núcleo de Fotografia UFRGS e Isadora Garcia



UFRGS

PROEXT

PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



20 SALÃO DE
EXTENSÃO
ANOS


UFRGS
PLURAL E INOVADORA


ANOS
1934 - 2019

ISBN 978-85-9489-197-6

